Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

DILTOR VLADIMIR ARAUJO OPROMOLLA

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Diltor Vladimir Araujo Opromolla (DO)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data – 06/05/2002

Local – Bauru/SP

Duração – 2h38m51s

Transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade – Nathacha Regazzini Bianchi Reis e Laurinda Rosa Maciel

Sumário – Laurinda Rosa Maciel

Resenha biográfica – Mariana Santos Damasco e Monique de Jesus Assunção

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

OPROMOLLA, Diltor Vladimir Araujo. *Diltor Vladimir Araujo Opromolla*. *Entrevista de história oral concedida ao Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 79p.

Resenha biográfica

Diltor Vladimir Araújo Opromolla nasceu no dia 13 de abril de 1934, em São Paulo. De família de poucas posses, o Dr. Opromolla foi *office boy* no Tribunal do Trabalho onde sua mãe trabalhava, antes de iniciar o curso de medicina. Sempre gostou muito de praticar esportes, principalmente o basquete.

Em 1952, foi para Sorocaba cursar Ciências Médicas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e concluiu a graduação em 1957. Seu interesse pela dermatologia se deu através das aulas do professor Humberto Cerruti que levou os alunos para fazer um curso no leprosário de Pirapitingui, em Itu, São Paulo. Outro fator que contribuiu para essa escolha foi a admiração pelo grande dermatologista Lauro de Souza Lima, que ministrou algumas aulas sobre hanseníase para sua turma na faculdade.

Após a graduação voltou para São Paulo para estagiar no Hospital das Clínicas com o professor João de Aguiar Pupo. Nesse mesmo período trabalhou no Hospital do Câncer e no Hospital do Pênfigo, ambos localizados em São Paulo.

Em 1959 foi para Bauru trabalhar com o Dr. Mário Pernambuco, no então Sanatório Aimorés. Em parceria com o este médico, empreendeu vários projetos e medidas que contribuíram para que o Sanatório Aimorés se transformasse, no ano de 1989, em um dos principais centros de pesquisas no combate à hanseníase: o Instituto Lauro de Souza Lima. Além disso, Dr. Opromolla participou da equipe que promoveu as primeiras cirurgias reabilitadoras nos pacientes atingidos pela doença. Hoje o Instituto Lauro de Souza Lima é considerado referência no tratamento da hanseníase.

Ingressou no Doutorado em 1971, na Universidade de São Paulo em 1973 defendeu a tese intitulada: "*Contribuição ao Estudo da Terapêutica da Lepra*", orientada por Luiz Ferreira Martins.

Em seus primeiros anos de atividade médica, foi ligado ao Dr. Lauro de Souza Lima em trabalhos sobre terapêutica em hanseníase. Desta parceria resultou o uso pioneiro da Rifampicina, que é, até hoje, a droga mais efetiva para o combate à doença. Devido à sua trajetória científica e profissional tornou-se muito respeitado no Brasil e no exterior. Durante sua vida acadêmica e profissional, publicou mais de 200 trabalhos científicos em periódicos nacionais e estrangeiros, e participou de aproximadamente centenas de congressos, simpósios e seminários dentro e fora do Brasil.

Foi especialista em Dermatologia pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo e em hansenologia pela Sociedade Brasileira de Hansenologia. Além disso, foi Vice-Presidente da Fundação de Combate à Hanseníase, no Estado de São Paulo; membro do *Steering Committee of the Therapy of Mycobacterial Diseases*; presidente da *International Leprosy Association* para a América Latina; *chairman* da Seção de Quimioterapia no Congresso Internacional de Lepra em Orlando (EUA) em 1993; e convidado oficial da *American Leprosy Mission* para todos os congressos internacionais de hanseníase.

Profissionalmente ocupou os mais diferentes cargos no Instituto Lauro de Souza Lima, tais como, Diretor, Professor e Administrador. Dr. Opromolla faleceu aos 70 anos, no dia 15 de dezembro de 2004, em Bauru, São Paulo.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Sobre o local de seu nascimento, origem familiar e a separação dos pais; formação escolar e o emprego de office-boy no Tribunal Regional do Trabalho aos 15 anos de idade; sobre o curso Ditúlio, o vestibular para a Universidade de São Paulo (USP) e o ingresso na Faculdade de Medicina de Sorocaba/PUC-SP em 1952; os professores da faculdade tais como Carlos Lacaz, Humberto Cerruti e Lauro de Souza Lima; o estágio no Hospital de Pirapitingui e lembranças das lições aprendidas na faculdade; sobre o médico José Mário Pernambuco e as reformas implementadas por ele no Sanatório Aimorés; a viagem de férias para Salvador e a sua graduação em 1957; o retorno para São Paulo, o estágio no Hospital das Clínicas e no Hospital do Câncer e a ida para Bauru em 1958 para trabalhar no Sanatório Aimorés; a respeito do isolamento compulsório, principalmente em São Paulo, e relatos sobre a Campanha Nacional contra a Lepra e a direção de Orestes Diniz no Serviço Nacional da Lepra, no final dos anos 1950; seu casamento em 1960; comentários sobre a estrutura do Sanatório Aimorés.

Fita 1 - Lado B

Sobre os doentes que exerciam suas profissões na colônia como médicos e dentista; a administração de Mário Pernambuco e iniciativas para acabar com o estigma dentro das colônias; comentários sobre os médicos que trabalharam no Sanatório Aimorés; o aparecimento da Sulfona no Brasil, em 1946, e a participação do depoente nas Comissões de Alta na década de 1960; a mudança de nome da Instituição de Sanatório Aimorés para Hospital Lauro de Souza Lima em 1973 e mais tarde, em 1989, para Instituto Lauro de Souza Lima; o convívio com Lauro de Souza Lima e as drogas experimentadas no combate à hanseníase, tais como Vadrini e Tiouréia; a apresentação de seu trabalho sobre Rifampicina no 8° International Congress of Leprosy, em 1963, no Rio de Janeiro, Brasil; a implementação do tratamento com DADDS (Diacetil-Diamina-Difenil-Sulfona) no Brasil e os primeiros casos de resistência aos medicamentos na década de 1970.

Fita 2 - Lado A

A poliquimioterapia nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e as dosagens dos medicamentos; a satisfação do depoente com a mudança do nome da doença para hanseníase; os projetos de pesquisa desenvolvidos no Instituto como a inoculação do bacilo de Hansen; relatos da passagem do Instituto Lauro de Souza Lima no primeiro centro de referência na luta contra a hanseníase no país e a sua vasta biblioteca; lembranças de Abrahão Rotberg, Eduardo Rabelo e Rubem David Azulay na Jornada Dermatológica, evento realizado no início da década de 1970, em São Paulo; as reuniões do Serviço Nacional de Lepra com as entidades internacionais que interferiam em questões referentes à doença no Brasil; a divisão do Instituto na área social e na área do Hospital; a criação do Centro de Reabilitação no Instituto Lauro de Souza Lima, na década de 1960.

Fita 2 - Lado B

Continuação dos comentários sobre a organização e a formação do Centro de Reabilitação do Instituto Lauro de Souza Lima; relatos sobre as mortes de Reinaldo Quagliato e Lauro de Souza Lima; críticas à atuação de Luiz Marino Bechelli por não ter tido nenhuma iniciativa para combater a doença nas décadas de 1960 e 1970, quando ocupava o posto de perito da Organização Mundial de Saúde (OMS) em lepra; sobre o 10° International Leprosy Congress, em Bergen, Noruega, em 1973 e o debate de Abrahão Rotberg com Luiz Marino Bechelli por este não ter apoiado o projeto de Rotberg em mudar a designação da doença; a participação do depoente na reunião para elaboração da Portaria Ministerial nº 165 de 1976, junto com Abraão Rotberg, Walter Lezer e Paulo Almeida Machado; os cursos oferecidos pelo Instituto Lauro de Souza Lima tais como o de Residência Médica de Dermatologia, os cursos de aprimoramento, o curso de Dermatopatologia, os cursos de prevenção de incapacidade e de reabilitação; comentários sobre os profissionais do Centro de Reabilitação; sobre os filhos, netos e informações sobre a vida pessoal; considerações sobre a nomeação do Instituto com o nome de Lauro de Souza Lima.

Fita 3 – Lado A

Sobre as reações físicas provocadas pela hanseníase e o início da utilização de medicamentos eficazes como a Talidomida e o Doriden; a pesquisa realizada pelo depoente na qual empregava Talidomida para o tratamento da doença e a publicação desse trabalho no periódico “O Hospital”; o vasto acervo da biblioteca do Instituto Lauro de Souza Lima, herança do antigo Departamento Profilaxia de Lepra de São Paulo; sobre o consultório clínico que mantém até a sua morte em parceria com dois amigos dermatologistas; as dificuldades enfrentadas pelo Instituto Lauro de Souza Lima na década de 1980 e a importância deste no Brasil, sobretudo no que se refere a prevenção de incapacidades e cirurgias de reabilitação; comentários sobre o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), da Sociedade para a Reabilitação e Reintegração do Incapacitado (SORRI), de Francisco Augusto Vieira Nunes (Bacurau) e a importância de Thomas Ferran Frist; sobre o médico Frank Duerksen , a reinserção dos ex-pacientes na sociedade e a importância das cirurgias de reabilitação para isso.

Fita 3 – Lado B

Continuação dos comentários sobre o médico Franke os cursos de reabilitação ministrados por ele no Brasil e seu método de trabalho, como a realização de 30 cirurgias em uma semana no país, em 1974; a respeito das cirurgias reabilitadoras que passaram a ser feitas em diferentes regiões do Brasil.

Projeto de pesquisa – Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)

Entrevistado – Diltor Vladimir Araujo Opromolla (DO)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Maria Leide W. de Oliveira (ML)

Data: 06/05/2002

Fita 1 – Lado A*

LM: Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes, entrevista com doutor Diltor Vladimir Araújo Opromolla, fita número um, hoje é dia 6 de maio de 2002, ele será entrevistado por Maria Leide Oliveira e Laurinda Rosa Maciel, e nós estamos em Bauru.

ML: Hospital Lauro de Souza Lima.

LM: Instituto.

DO: Instituto Lauro de Souza Lima, em São Paulo.

LM: Bom, professor, então vamos começar do comecinho mesmo, não é, Leide? A gente queria saber... que o senhor dissesse o seu nome todo, onde foi que o senhor nasceu, quando, falasse um pouco dos seus pais, dos seus irmãos, da sua família e as primeiras lembranças assim da sua infância.

ML: A mãe dele se chama Ciociola, é italiano, não é?

DO: Ciociola

LM: Ciociola (risos).

DO: Ciociola (risos) Bom, o meu nome é, eu me chamo Diltor Vladimir Araújo Opromolla. Eu nasci em São Paulo, no bairro do Canindé, na Rua Padre Vieira, no dia 13 de abril de 1934. Eu tenho 68 anos. E meus pais se separaram quando eu tinha 11 anos mais ou menos e eu e meu irmão, porque eu só tenho um irmão, nós ficamos morando com a minha mãe e visitávamos meu pai semanalmente. Ele morava em São Paulo também. E... eu passei a minha infância ali no Canindé, no bairro do Pari, do Alto do Pari.

---

* LEGENDA:
Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.
Palavra em *itálico* – não pertence à Língua Portuguesa.
Palavra em **negrito com um ponto de interrogação junto** - é porque não se tem certeza dos fonemas ou da grafia.
(...) - é para demonstrar silêncios ou pausas na fala, como se o orador estivesse pensado, ou tiver sido interrompido pela fala do outro, ou qualquer coisa equivalente.
Palavras em **(negrito e entre parênteses) -** necessidade de explicar algo ocorrido e estranho à fala, como tosse, riso, pigarro, batidas de marcação da fala, toque de telefones etc.,
(inaudível) – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

ML: Canindé fica perto de onde?

DO: Alto do Pari é perto de... Canindé, digamos é perto do Rio Tietê ali, Vila Maria, aquela zona ali pertinho.

ML: Sua mãe mora lá até hoje?

DO: Vila Guilherme.

ML: Mora lá até hoje, a sua mãe?

DO: Não, não. Depois, que, lá morava, nós morávamos ali no Canindé e depois mudamos para o Pari, que é o bairro perto. Depois eu saí de lá. Lá morava minha avó também, a mãe de meu pai, e meus tios. A família de meu pai morava lá. Aí do Pari nós fomos morar ali perto do Gasômetro e depois saímos, fomos lá para Pinheiros e depois Móoca. E quando eu fiz... quer dizer, eu fiz o meu segundo ano de grupo na Móoca, no grupo Oswaldo Cruz.

LM: Hum, hum. Segundo ano primário, não é?

DO: Segundo ano primário. E nessa ocasião que meus pais se separaram aí nós fomos morar com a minha avó, que é mãe da minha mãe, que era mãe da minha mãe, lá no Brás.

LM: Sim.

DO: Na Rua Brigadeiro Machado, 252.

LM: O senhor lembra o endereço até hoje.

ML: Morou em vários locais em São Paulo, hein ?

LM: É.

DO: E aí nós moramos lá durante muitos anos. Eu quando entrei na faculdade nós estávamos morando lá ainda. Depois a minha mãe comprou, ela começou a trabalhar, ela não trabalhava antes, começou a trabalhar na Justiça do Trabalho, logo no começo, depois que se separaram. E ela ficou trabalhando no Tribunal Regional do Trabalho. E aí ela depois de um certo tempo comprou um apartamento na Vila Mariana e mora até hoje lá.

ML: Na Vila Mariana.

DO: Ela está hoje com 92 anos.

LM: Olha!

DO: Na época em que nós morávamos lá, lá no Brás... Bom, eu estudei... o meu ginásio, eu estudei... no grupo, o terceiro e o quarto ano de grupo eu fiz o Roca Dordal, que foi ali no... na...

LM: Fez o quê professor?

DO: Eu tinha feito o... no colégio Oswaldo Cruz eu fiz o primeiro e o segundo ano, na Móoca. Depois que os meus pais se separaram e eu fui para o Brás, eu comecei, eu fiz o terceiro e o quarto ano do grupo, o primário, num grupo chamado [Ramon] Roca Dordal.

LM: Ah, isso é que eu não tinha entendido.

DO: Que ficava lá no Brás. Depois eu passei para o ginásio e fiz o primeiro e o segundo ano no ginásio Paulistano, lá na São Joaquim, onde é o Anglo, perto do Anglo. E o terceiro e o quarto ano e os três que era o científico antigamente eu fiz no colégio do estado. No colégio do estado ali no Parque Dom Pedro II. E eu fiz no começo, o terceiro e quarto ano no colégio do Estado. Depois, de dia, depois eu passei a estudar à noite, porque eu comecei a trabalhar. E trabalhei como *office boy* junto com a minha mãe lá no Tribunal do Trabalho.

LM: Ah, tá. Com quantos anos o senhor começou a trabalhar de *office boy*? Tinha 15?

DO: Tinha uns 14.

LM: 14, 15 anos, não é?

DO: 14, 15 anos, depois comecei a estudar à noite, justamente por isso. E quando eu estava no terceiro ano eu comecei a fazer o cursinho do Ditúlio...

LM: Do quê? Ditúlio?

DO: Um cursinho chamado Ditúlio.

ML: Ditúlio.

LM: Ditúlio.

DO: Cursinho para Medicina.

LM: Ah! tá.

DO: Então eu ia de manhã, ia na escola, eu ia no Ditúlio de manhã, trabalhava à tarde e à noite eu ia lá pra o...

LM: Hum, hum. Pro colégio?

DO: Pro colégio. E, fiz esse período lá e prestei concurso, prestei exame para lá para Pinheiros, na Medicina da Pinheiros. E eu não... eu já vi que... Nas primeiras coisas já vi que não ia ser aprovado. Eu tinha ido bem em Química...

LM: É. Por quê? Tinha... era muito concorrido?

DO: Tinha ido bem em Química... Não, não era isso. É que eu não estava bem preparado.

LM: Certo.

DO: E trabalho muito assim... Quer dizer, muita mistura, não é? Eu fiz aquele último ano. Inclusive ainda jogava basquete... fazia tudo... (risos) E aí então eu fui... prestei o exame lá, o vestibular. Em Química eu fui bem, quando chegou em Física eu falei: "Ah, não vai passar, não". E conversando com o pessoal ali em coisa, eu fiquei sabendo que tinha aberto Sorocaba, a Faculdade de Medicina de Sorocaba. E, e eu nunca tinha saído de São Paulo, não é? Eu falei: "Eu vou arriscar", não é? E fui para Sorocaba.

LM: O senhor não pensou na USP, não?

DO: Não, eu fui prestar na USP.

ML: Em Sorocaba.

LM: Ah, na USP, no campus Sorocaba.

DO: Não, não. Desculpa, deixe-me voltar, depois você vai acertar.

LM: Não. Ah! aquele primeiro era da USP?

ML: Era USP.

DO: O primeiro exame foi na USP.

LM: Ah! era USP, não é porque...

DO: Agora eu fiquei sabendo que Sorocaba...

LM: Que ia abrir outro campus.

DO: Tinha aberto... Não era campus da USP, era da Faculdade Católica... estava sob os auspícios da Universidade Católica. Essa Escola que abriu em Sorocaba.

LM: Sim, sim, sim.

DO: E estava no segundo ano, parece. É, segundo ano. Aí eu fui pra lá para Sorocaba e prestei concurso, entende? E como tinha menos candidatos acabei passando então ali. E me lembro bem que... Aliás foi uma escolha boa, porque na época a Escola de Sorocaba, a Faculdade de Medicina de Sorocaba, todos os professores da Pinheiros, da USP, iam dar aula lá.

ML: Iam para lá.

DO: Então eu fui aluno do Lacaz, fui aluno do... como é que se diz: Mignone**,** fui aluno de uma porção de... do Odorico Machado de Souza, que era professor de Anatomia, do

Humberto Cerruti**,** todo esse pessoal. Então foi interessante, porque os professores eram os mesmos. E comecei a estudar no interior numa situação mais tranqüila.

LM: Mais tranqüila, com certeza.

DO: E foi bem, foi bom. Gostei muito, Sorocaba é uma cidade interessante. A gente... Nós reclamávamos muito porque era uma cidade muito provinciana na época.

LM: Ah, Imagino!

DO: Mas era a primeira fez, uma Faculdade de Medicina, aquela história. E... Eu não fui um aluno assim brilhante, não. Fui um aluno regular, mas alguns professores me marcaram muito. Por exemplo, o Lacaz me marcou muito. O professor Lacaz, e durante a faculdade eu, por influência do Lacaz mesmo, nós montamos um curso de combate à sífilis e outras moléstias venéreas.

ML: Ah, aquela história das Ligas, não é?

DO: As Ligas, é. Mas é... copiado de São Paulo sempre.

ML: Depois nós fizemos um Centro Acadêmico e montamos lá... e fizemos lá as primeiras passeatas de calouros, esse negócio todo com o funcionário que era o responsável por isso na faculdade da Pinheiros, que foi trabalhar lá.

LM: Que ano que o senhor entrou para a faculdade, professor?

DO: Olha, eu tinha... Foi em 52, eu acho. Eu tinha 17 anos. Eu fiz 18 anos em seguida. E que mais? Então, nós fizemos isso, montamos uma orquestra... Fizemos uma porção coisa lá durante o curso. E...

ML: Teve alguma atividade com hanseníase durante o curso?

DO: É, essa parte da hanseníase é que vai entrar nessa parte. Quer dizer, no quarto ano nós fizemos Hematologia com o Cerruti. O Cerruti era professor...

LM: Com quem?

DO: Professor Humberto Cerruti.

LM: Humberto Cerruti**.** Hum, hum.

DO: É. E o professor Cerruti era professor de Histologia. Era um professor, aliás, muito temido de Histologia, e era nosso professor de Dermatologia também. Ele tinha dois assistentes, que era o Dr. Luiz Garcia Duarte e o Francisco Ribeiro Arantes que era médico e depois diretor do Pirapitingui. E os dois, quer dizer, eles tinham... o pessoal via muito assim... gostava de hanseníase, os professores, os meus professores, e o professor Cerruti convidou o Lauro de Souza Lima para dar aula para nós. O Lauro naquela época, ele já tinha se aposentado. Foi em 52 que o Lauro se aposentou do Padre Bento, e foi convidado para trabalhar na Oficina Sanitária Pan-Americana. Então ele esteve... O Lauro esteve no México, teve no Paraguai, em alguns lugares assim. Ele

deixou sempre uma presença... a presença dele foi muito marcante. Sempre deixou saudade em todos esses lugares. O pessoal do México adorava o Lauro. Quem adorava o Lauro... um dos, era o professor... Ah, o professor... Ah..., que morava lá...

ML: [Jacinto] Convit?

DO: Não, o Convit era muito amigo do Lauro, o Convit era muito amigo, mas é o... eu já lembro já. E do México também, que morava lá na parte Oeste do México e o...

ML: O Albanez... é do México?

DO: Não, o Albanez é da Espanha.

ML: É da Espanha, não é?

DO: Albanez é da Espanha. O Joaquim Walter, que trabalhava com ele no Paraguai e foi o... aprendeu hanseníase com o Lauro no Paraguai. O Joaquim Walter foi assessor da OMS em Genebra.

ML: O Lauro ocupou esse mesmo cargo que o [Clovis] Lombardi ocupa hoje, que o Célio Mota ocupou, não é?

DO: É, isso.

ML: Ele foi assessor da lepra na Região Pan-Americana.

DO: Ele ficou muito tempo nesses países, é na região Pan-Americana. E... Bom, e o Lauro então, quando ele não estava viajando, ele ia dar aula para nós. E foi assim que... e o pessoal contava as histórias do Lauro, que ele era um sujeito muito querido pelos doentes, aquela altura.

ML: Eu pensava que você tivesse sido assim discípulo do Lauro, tivesse trabalhado com ele.

DO: Quem trabalhava com o Lauro, que foi meu colega na faculdade inclusive, e era um rapaz que só estudava hanseníase, só estudava hanseníase. E diziam que ele era sobrinho do Lauro, eu não sei se era. Era o Marques. Um tal de Marques.

LM: Marques. O senhor lembra o prenome? Não?

DO: Eu não lembro o nome dele todo não, agora não lembro. Ele era da primeira turma de Sorocaba. E ele só estudava hanseníase. Ele não gostava de estudar outra coisa, ele não estudava Medicina, ele estudava hanseníase. (risos) E era com o Lauro. E... então, através dele eu também tinha muito conhecimento. O Marques trabalhou no Padre Bento. Passei bastante tempo também com o Homem de Melo, Paulo Homem de Melo. Agora... Bom, onde que eu estava?

ML: Falando do Lauro...

DO: O Lauro ia dar aula para nós lá. E eu fiquei conhecendo o Lauro, porque o pessoal comentava muito, os alunos uma vez foram visitar o Lauro lá na casa dele, porque ele continuava com a casa dele. Ele tinha uma casa lá no Padre Bento.

ML: É, ele continuou morando no Padre Bento.

DO: Continuou morando lá e tal. E, então era aquela história. Quer dizer, ele tinha uma auréola muito bonita. O pessoal falava muito bem dele, reconhecido como leprólogo internacional. E assim por diante. E era uma pessoa muito simpática, muito bom. Só que eu não gostava da aula dele. Eu falei para ele. (risos)

ML: Ah, é? (risos)

DO: Eu dormia na aula dele.

LM: Por quê? O tom de voz dele...?

DO: Eu não sei. Eu era moleque... E eu ainda falei para ele. Mas de qualquer forma todo aquele ambiente... Ah, bom! Depois o Cerruti que era também um indivíduo que gostava muito de hanseníase e justamente por isso que estava envolvido. Nos levou, quer dizer, ao Pirapitingui para fazer estágio. Então nós ficamos uns 15 dias no Pira, uns 20 dias, fazendo um curso no Pirapitingui. Isso foi no quinto ano eu acho, ou no quarto ano. Eu acho que no...quarto ou quinto ano. Quarto foi da Dermato. Acho que foi no fim do Quarto ano. E aí nós fizemos esse curso. Aliás, fizemos um bom curso. Tinha muita gente boa ali. Tinha o Nelson Souza Campos, tinha o [Reynaldo] Quagliato.

ML: O Nelson atuava aonde? O Nelson?

DO: O Nelson trabalhava em São Paulo. O Nelson Souza Campos morava em São Paulo.

ML: Pois é, mas ele trabalhava também no Padre Bento, o Nelson?

DO: Não, não. Quem trabalhava no Padre Bento era só o Lauro [de Souza Lima].

ML: Qual o serviço dele?

DO: Quando o Lauro estava lá, esse pessoal ia muito lá, não é? O [Abraão] Rotberg, o Nelson, o pessoal mesmo de fora.

ML: O Quagliato era de Ribeirão?

DO: O Lauro era de renome internacional.

ML: O Quagliato era de...

DO: De Campinas.

ML: De Campinas? Hum.

DO: Reynaldo Quagliato. Que tem o nome do Centro de Estudos.

ML: É, que fez muitos trabalhos com o [Luiz Marino] Bechelli, não é?

DO: Muito. Ele trabalhava muito com o Bechelli. E ele, quando o Bechelli... Bom, vocês vão entrevistar o Bechelli, o Bechelli vai falar. O Quagliato foi para a Birmânia, fez muitos trabalhos fora, quando o Bechelli estava...

ML: Na OMS.

DO: Na OMS. Bom então. Que mais? Então nós somos fazer esse curso. Desse curso a gente ia... ficava morando lá dentro do hospital durante 15 dias. Então a gente tinha as aulas com os pacientes e nós acabamos perdendo o medo daquilo. Me lembro que o Cerruti uma vez... Eu comecei a falar: "Que lesão é essa aqui?" Ele me pegou o dedo e enfiou.

LM e ML: (risos)

DO: Era um hansenoma. Ele me enfiou o dedo no hansenoma. Aí depois daquilo eu tomava até cerveja lá no... (risos) Aí foi assim que a coisa foi, não é? Então nós gostamos muito do curso, foi muito bom. Conseguimos gravar as aulas dele. Fizemos uma apostila que nunca mais nós vimos, depois de tanto trabalho. Não sei aonde foi parar essa apostila. Mas valeu muito. Eu acho que marcou bastante para nós isso.

ML: Isso pra você foi um marco.

DO: E a mais uma vantagem interessante que tinha nesse período em que nós estávamos lá, que é o diretor do Pirapitingui na época era o Dr. Mário Pernambuco. O Mário Pernambuco era um sujeito... Foi o primeiro administrador hospitalar a tomar conta de um hospital de hanseníase.

ML: Ele era diretor?

DO: Diretor do Pirapitingui. Ele se formou no curso do Dr. Odair Pacheco, não é? que ele era professor da Faculdade de Higiene, de Administração Hospitalar e foi uma das primeiras turmas de administradores hospitalares. Porque antigamente o sujeito que tomava conta do hospital não tinha administração hospitalar.
O Odair veio com essa... Com esse *know-how* dos Estados Unidos com a doutora... doutora... a outra... Puxa! Bom, com uma outra médica também da Faculdade de Higiene e o Dr. Mário Pernambuco foi um dos... da turma do Odair Pacheco. E um administrador hospitalar... Era um sujeito formidável o Mário Pernambuco, o Dr. José Mário Pernambuco. E, o pai dele era um grande sanitarista, o Mário Pernambuco. E o Dr. Mário, filho dele, que foi o nosso diretor, era o diretor do Pira. Então o Pira teve o primeiro administrador hospitalar. Um hospital de hanseníase que teve o primeiro. E ele então começou a fazer as mudanças, porque o hospital, aquilo não era hospital...

ML: Aquilo foi uma cidade.

DO: Aquilo era uma cidade, era uma coisa feita toda assim meio... Era bonito, tem aqueles aspectos todos pitorescos aí, mas não era um hospital. E ele então começou a

organizar, fazer sabe, fazer todas essas coisas que um hospital tem. E não época, então eu fiquei conhecendo o Lauro... o Dr. Mário na época. E foi muito bom. Uma vez ele nos acusou que tínhamos roubado um cobertor. (risos) E quando nós terminamos o estágio, nós demos um cobertor para ele de presente, escrito... (risos) umas coisas, eu lembro bem. Foi interessante. Nesse período eu fiz uma aposta, estou me lembrando. Que nós, eu e um colega, iríamos a Salvador e voltaríamos, no fim da... no fim do curso, passaríamos um fim de semana em Salvador e voltaríamos sem gastar dinheiro. Então o curso terminou junto com as férias nossas, porque nós... Isso foi no período de férias. Aí o Ênio Olimpio, o Ênio Olímpio, hoje trabalha ainda na hanseníase lá em São Paulo. Era para trabalhar comigo aqui em Bauru, mas ele... Aí nós fomos, não é? Pegamos... é, ônibus.

ML: Foram de carona?

DO: Carona.

ML: Carona.

DO: Pegamos... levamos alguma coisa... sanduíches... Aí nós fomos encontrando gente pelo caminho que estava terminando as férias. E quando chegou em Salvador já tinha casa de todo mundo para ir, entende? Então nós ficamos em Salvador...

LM: Hum, hum. Não ia gastar mesmo, não é?

DO: É, mas nós tínhamos algum dinheiro ali para... para alguma coisa.

LM: Sei, sei.

DO: E aí nós voltamos de barquinho. (TI) de chegar lá. É um barco lá de... aqueles... Esses barcos, esses costeiros, não é? Foi muito interessante essa viagem.

ML: Até o quê? Até Santos?

DO: Até Santos. Depois pegamos o negócio...

ML: E durava quantos dias?

DO: Ah, um dia e meio, mais ou menos. Chegamos... quer dizer, com atraso, claro. Mas deu tempo de começar as aulas como tínhamos combinado. (risos) Mas foi interessante, conhecemos muita gente. Vitória da Conquista... fomos a Belo Horizonte, Belo Horizonte, pegamos Governador Valadares, depois Vitória da Conquista, depois pegamos Jequié, Santo Antônio, atravessamos a Baía de Todos os Santos, chegamos em Salvador, aí ficamos lá em Salvador, na casa de todo mundo, não é? Depois voltamos segunda-feira. (risos) Foi muito interessante. Bom, então acabou essa parte. Aí eu me formei em [19]57.

LM: O senhor se formou em 1957?

DO: Me formei em [19]57.

LM: Certo.

DO: Aí eu fui para São Paulo, porque naquela época não tinha residência médica e foi aí que foi interessante, porque o Dr. Duarte conheceu o Dr. Estevão de Almeida Neto.

ML: Ah, Estevão de Almeida Neto.

DO: E o Dr. Duarte, o Luiz Garcia Duarte, que era um assistente do Cerruti, era muito meu amigo, muito boa gente. Sabia muito hanseníase ele. Ele... E o Estevão de Almeida Neto também era um grande hansenólogo e um grande dermatologista também. Aí ele me deu uma carta para eu encaminhar ao Estevão. Eu morava em São Paulo, a minha família morava em São Paulo e aí fui lá. E o Estevão me apresentou ao professor Pupo, Aguiar Pupo. E aí eu comecei a fazer estágio lá no Hospital das Clínicas. Ao mesmo tempo eu me dividia e ia fazer estágio lá Hospital do Câncer também, com o Vicente Amato. O irmão desse Vicente Amato dos Servidores, e fiz estágio no Hospital do Pênfigo também. Na época era o Dr. José Vieira lá que era o diretor, que era o pai do pênfigo aí de São Paulo, do fogo selvagem. Então tinha um hospitalzinho muito bem feito lá em São Paulo, o pênfigo, tem o hospital.

ML: É.

DO: É o hospital Leonor Mendes de Barros, parece que era esse o nome ou Adhemar de Barros... Era Leonor Mendes de Barros... Ou era Leonor ou era Adhemar de Barros. Esse daí, quando o professor... esse professor... Lá da faculdade de Higiene tomou o cargo de coordenador, eles transformaram esse hospital do Pênfigo em hospital de Pediatria, e o hospital do pênfigo foi para o Santo...

ML: Não virou depois psiquiátrico, não é?

DO: Não, não. O Hospital do Pênfigo, Hospital do Pênfigo.

ML: Não virou depois psiquiátrico, não?

DO: Não. Foi para o Jaçanã, perto do Butantã. Virou hospital pediátrico, o Pênfigo. E o pessoal do Pênfigo foi transferido... O Dr. Odair, não é, que fez isso. O pessoal tem uma gana dele terrível, por causa disso. Esse hospital foi para o pavilhão de menores que tinha no Padre Bento, que o Lauro... (TI) Foi lá. Então mais ou menos isso. Estamos... Bom, e aí então eu fiz esses estágios ali, quando eu fiquei sabendo que o Pernambuco tinha sido transferido para Bauru e estava precisando de médico, entende? Aí eu fui, conversei com o um dos... Conheci o Ênio Olímpio, que nós vamos lá para Salvador, e nós viemos aqui conversar com o Pernambuco. E eu cheguei aqui não sei porque cargas d'águas eu já fiquei. (risos) e o Ênio não se animou muito foi embora, porque isso aqui era... era terrível, naquela época. Era um sanatório muito velho já naquela época. As instalações muito velhas.

ML: Isso foi em que ano?

LM: 58 ?

DO: Isso foi em 58. E eu não conseguia...

ML: Em 58... Ah, porque em 58 pegou uma fase política de...

DO: Era do Jânio Quadros.

LM: É.

ML: É de um pouco... que foi assim: Final daquele estímulo inicial do Ernani Agrícola para o isolamento compulsório. Então já se começava a questionar o isolamento compulsório porque já estava introduzindo a sulfona.

LM: É.

ML: E não havia... politicamente foi meio abandonado, que depois é renovado com a Campanha Nacional da Lepra com Orestes Diniz, mas aí já é [19]60 com Juscelino Kubitschek.

DO: Aquilo é em [19]63 o Congresso havia fechado isso.

ML: É, com Juscelino Kubitschek.

DO: E aqui em São Paulo, aqui em São Paulo... Bom, o negócio foi esse aí, foi o Jânio não é? Que estava aqui.

LM: É.

DO: Naquela época eu... Mas eu vim aqui... Eu fiquei aqui mas eu não tinha quem pagava era o dinheiro da caixa.

LM: Caixa beneficente?

DO: Caixa beneficente daqui e o Pernambuco não conseguia me nomear então foi a... E ficou naquela enrolação para ser nomeado, não ser nomeado, até que foi no perto do Natal de [19]58 que eu fui nomeado.

LM: Hum, presente de Natal?

DO: Foi presente de Natal. É. Mas de qualquer forma foi aí que ficou regularizada a minha situação aqui no Hospital. Eu morava aqui, não é? Eu...

ML: Lá no final, não é? Era solteiro, veio solteiro.

DO: Era solteiro. Eu fiquei aqui e comecei a trabalhar aqui todo esse período e fui me casar em 60, 1960. Então enquanto...

ML: Casou aqui, casou aqui? Casou em Bauru, com pessoa de Bauru?

DO: Não, não, a minha mulher é de Sorocaba.

ML: É de Sorocaba. (risos)

DO: Minha mulher é de Sorocaba, conheci quando eu estava lá.

LM: Quando estava fazendo a faculdade?

ML: Estudando.

DO: Estudando, como todo mundo, não é? Casou por lá. E, então foi isso que aconteceu? Que mais? Aí eu fui... É para continuar assim?

ML: É, começou o ensino médico...

LM: Claro, é, exatamente..

ML: ...aí fui contratado.

DO: Aí fui contratado e depois... Eu não sei se tenho que contar essas coisas particulares.

LM/ML: Tem, tem... Tudo é importante.

DO: Eu estou falando muito.

ML: Vai falando tudo que o senhor tiver vontade. (risos)

DO: Não, eu não tenho vontade, você é que pede. (risos)

LM: Pode contar casos também professor, o senhor é quem... Fica à vontade.

DO: Então aí eu... como é que chama? Eu fiquei trabalhando aqui, aqui trabalhava um colega meu lá de Sorocaba, que chamava Joaquim Miguel da Fonseca Rosas Neto.

ML: Rosas Neto.

DO: Ele, ele estava louco para sair daqui, porque queria ir para o Pira.

LM: Para onde?

DO/ML: Para o Pirapitingui.

LM: Ah, Pirapitingui.

DO: E ele não... eu conseguia a transferência, eu vim... por isso, que eu trabalhei com ele um tempo, depois ele...

LM: Depois ele foi para Pirapitingui.

DO: É. Então aqui... com o Marques também, que depois foi para o Padre Bento. Conseguiu lá. Agora...

ML: Aqui era Aimorés ainda?

DO: Aqui era Aimorés. Bom, então eu fiquei aqui, nós éramos em quantos médicos ? Aqui era um hospital só de hanseníase, não é?

LM: Hum, hum. Tinha cerca de quantos pacientes?

ML: Era Sanatório Aimorés o nome.

LM: É.

DO: Tinha uns 800.

LM: 800! Caramba!

DO: Chegou a ter mais.

LM: Nossa! Muita gente, não é?

ML: Mas nessa época tinha 858.

DO: Mais ou menos.

LM: É.

ML: É!

DO: Porque apesar de toda a política... acho que o Rotberg deve ter falado isso, de ter afrouxado toda essa internação compulsória.

ML: Aqui demorou a ser afrouxado?

DO: Aqui demorou, em São Paulo...

LM: É, em São Paulo demorou bastante.

ML: Ele falou.

DO:...Em São Paulo demorou muito. Foi só em 68, que... quando o [Walter] Lezer entrou...

ML: É isso mesmo.

DO:...e nomeou o Rotberg...

LM: O Rotberg... É, que caiu.

DO: É que a coisa ficou definitivamente, acabou com o Departamento de Profilaxia da Lepra.

LM: Da lepra.

DO: Bom, isso daí vocês já têm a história.

ML: É.

DO: Então quando eu comecei a trabalhar aqui, eu... nós éramos... aqui tinha o Dr. Abílio, que era oftalmologista, Dr. Passos que era pediatra, mas estava aqui, Ênio, o Doutor... Tinha o Iraci que era o... que era um médico, que era dentista, que era ex... que era um paciente de hanseníase...

Fita 1 – Lado B

ML: Nos hospitais, quem lidava com os pacientes, assim, que fazia o curativo, que...

DO: Eram os doentes.

ML: Eram os doentes, não é?

DO: Eram os doentes que tinham suas profissões e quando iam lá dentro eles exerciam suas profissões, eles...

LM: Exerciam, não é?

ML: Eles exerciam suas profissões. Tinha até um estímulo, laborterapia, que eles ganhavam um pouquinho para fazer isso. Agora, é primeira referência que eu vejo...

LM: De médicos internados.

ML: De médicos que eram pacientes e atuando como médicos.

LM: Era um médico só, não é?

ML: Era um médico só, mas tinha um cirurgião e tinha dentista. Aí é um dentista.

DO: Tinha um dentista, é.

ML: Mas isso já foi... Eles já foram tratados com a sulfona, não é?

DO: Ah, sim, naquela época já tinha. A sulfona...

ML: Se não tivessem sido tratados com a sulfona eu acho que eles não poderiam... ou poderiam?

DO: Ué! de qualquer jeito eram só os doentes...

ML: Poderia. Atuar como...

DO: Que tinha que...

ML: Sim, mas o convívio com vocês, colegas sadios, como é que era?

DO: Ah, bom! Era... aí é que está. O problema, o problema era o seguinte. O Célio ele... quando o Pernambuco veio, o Pernambuco fez uma revolução aqui dentro. É esse o problema. Porque os hospitais...

LM: E o Pernambuco começou quando aqui, professor?

ML: Não, ele começou...

LM: ... O Mário Pernambuco?

DO: Começou?

LM: Quando, aqui? O senhor lembra? Não?

DO: Então, quando... provavelmente eu acho... eu não tenho certeza.

LM: Um pouquinho antes do senhor chegar?

DO: Um pouquinho antes, porque nós fizemos um curso em 50...

ML: Ele era de Pirapitingui.

DO: Quarto ano, eu acho que ele ficou acho que uns dois anos em Pira e veio para cá.

LM: E veio para cá, tá.

DO: E fez um... no Pira ele fez umas mudanças radicais. E quando ele veio para cá.

LM: Também fez...

DO: Também começou a fazer mudanças.

LM: Que tipo de mudanças?

DO: Mudanças assim...

ML: Aqui, organizando...

DO:...dentro dos conceitos novos da administração hospitalar.

LM: Hum, hum. Sei, sei.

DO: Porque veja bem, ele começou a transformação, a grande transformação desse... se deve a ele, porque aqui, como todo o asilo-colônia era dividido em três áreas. Tinha a área que ficava o pessoal administrativo, lá em baixo na diretoria, a zona sadia.

LM: Sim.

DO: Onde as pessoas também tinham os alojamentos onde a gente dormia lá. Eu morei aqui bastante tempo nesse alojamento. Depois tinha uma área intermediária onde tinha a garagem, onde tinha o almoxarifado e tal... Depois tinha a área doente. Na área doente só tinha o administrador que entrava aí e os médicos.

LM: Só. Não tinha nenhum...
DO: O resto era tudo paciente.

ML: Aqui ainda mantém um pouco, assim, quer dizer, não as pessoas vivendo, mas fisicamente essas três áreas são demarcadas aqui, não é? Parte de baixo, essa parte de garagem, não sei o que, e lá do outro lado.

DO: É, mas nós conservamos, é.

ML: É.

DO: Não, mais lá em baixo... Não, quer ver? Deixe-me contar. Então aí o que aconteceu? Primeiro... uma das coisas que o Pernambuco fez foi... para começar, quebrar essa história desse... porque o pessoal, porque os médicos entravam na colônia... Eu tenho fotografia... de gorro, de máscara... de luva... depois a gente foi tirando aos poucos isso aí, tiramos tudo.

LM: Claro.

DO: A gente já não fazia mais isso. Mas no começo era assim. E, depois o Pernambuco... primeira coisa, uma das primeiras coisas para mudar esse tipo de coisa, que ele fez, foi pegar a diretoria e colocar no meio da Colônia. Tirou a diretoria lá embaixo, que era o lugar dos sadios e colocou no meio da colônia. Mas para não impactar muito, ele dividiu a diretoria em duas partes, com uma coisa de vidro, de um lado os doentes trabalhavam e do outro lado trabalhavam os sadios. Era... A diretoria era chamada de casa verde. (risos) Ainda é chamada é casa verde, porque foi pintada de verde. Hoje... Hoje é... Depois eu conto o resto. Então ele fez isso, já começou a quebrar um pouco... E o Pernambuco era um sujeito muito interessante. Ele gostava muito de... Era um bom cozinheiro também.

LM/ML: Hum!

DO: Ele gostava muito da alimentação. E com essa história da administração hospitalar ele queria dar do bom e do melhor para os pacientes também. Então reformou a cozinha, reformou um monte de coisa. O pavilhão, ele conseguiu reformar o pavilhão. Vocês chegaram a visitar o hospital?

LM: Não, o hospital mesmo, não.

DO: O pavilhão, o pavilhão hospitalar aí que era o centro cirúrgico que chamava?

ML: O Centro Cirúrgico eu fui aqui.

DO: (tosse) Agora está muito bonito. O Marcos fez outra reforma, linda! Ficou boa. E o Centro Cirúrgico foi... tem o nome do pai do Pernambuco. Entendeu? Ele fez esse Centro Cirúrgico. Ele construiu o Centro Cirúrgico.

ML: Ah, ele fez o Centro Cirúrgico?

DO: Era... foi uma construção nova. E fez uma série de reformas aqui, reformou aonde é que era a farmácia, reformou a lavanderia, fez uma lavanderia nova, fez uma cozinha nova... E começou a atuar em relação aos pacientes que naquela época ainda viviam, vamos dizer assim, internados de certa forma compulsoriamente, não é? Ele dava muita atenção para os cuidados com os pacientes. Então tem um episódio pitoresco, que uma vez ele falou assim... ele tinha o cardápio, e cuidava... entendeu? (risos) E uma vez ele estava lá na casa dele... porque ele morava ali embaixo, onde morava o Oswaldo, e diz que tinha uma revolta no refeitório. E os pacientes tudo batendo panela lá, aquele negócio lá... Aí ele foi lá, porque ele...

ML: Enfrentava.

DO: Ele enfrentava... Aliás ele foi... depois eu vou contar uma história... E o Dr. Mário, ele foi lá ver o que estava acontecendo. Aí perguntou para um paciente: "O que aconteceu aí, esse negócio?" "Ué, puseram bicho na comida.".

LM: Hum!

DO: Era camarão.

ML: (risos)

LM: Ah! (risos) Meu Deus!

DO: Ele tinha mandado... E aqui, (risos - ainda risos) aqui... Ah... Aqui eram internadas as pessoas... porque eram cinco hospitais no estado.

LM: Gente! (risos)

ML: Aqui era gente pobre, não é?

DO: Foi gente mais pobre, agricultores...

ML: Porque gente rica ia para o Padre Bento. (risos)

DO:...lavradores, etc... No Pira, no Pira.

ML: No Pira também, é.

LM: Não iam conhecer camarão, não é, professor?

DO: É.

LM: Não iam conhecer camarão, não é? Uma iguaria, não é?

DO: É, então. Então foi uma coisa assim, interessante foi isso. Então voltando à historinha do Pernambuco, o Pernambuco ele se formou na Paulista, e quando arrebentou a guerra, ele foi como voluntário...

LM: Ah! Nossa!

ML: Médico da guerra? Ah!
DO: Para a Itália. Foi para... ele foi pracinha lá, foi e entrou em combate.

LM: Chi! Nossa!

DO: Ele ficou um ano lá e coisa. Depois que ele voltou fez o curso de administração hospitalar.

LM: Ah! interessante.

DO: Ele fez toda a campanha da Itália.

ML: Ele foi seu amigo?

DO: O Pernambuco foi.

ML: Foi seu primeiro emprego? Te deu o primeiro emprego? Não, não era o primeiro emprego.

DO: Não, foi, porque...

LM: É, praticamente foi.

ML: É, foi logo depois da residência.

DO: Não fiz residência. Eu fiz uns estagiozinhos.

ML: Opromolla então você está no seu primeiro emprego ?

DO: Estou no meu primeiro emprego. (risos)

LM: Olha!

ML: Isso é fantástico, 44 anos no primeiro emprego. (risos)

LM: No primeiro emprego.

ML: Incrível isso! não é?

DO: Então. Então foi isso que aconteceu. E... bom, então voltando, o Pernambuco era um indivíduo desse tipo...

LM: Ele revolucionou a Colônia que estava numa fase já meio decadente?

DO: É. Ele era um sujeito, um sujeito muito assim, rigoroso assim, mas era muito sentimental também, não é?

LM: Então, esse médico e esse dentista puderam trabalhar e o convívio de vocês era...

DO: Trabalhavam normalmente lá, trabalhavam lá. Eles estavam bem, não tinha nada mais, mas... O Célio tinha uma esposa que também era doente, e eles moravam na cidade já naquela época. Não moravam mais aqui. (tosse) O Iraci, o Iraci logo depois também. Mas a... bom, voltando. Então no começo que eu comecei a trabalhar aqui então não era constituído o que eu estou falando. Quer dizer, nós tínhamos essas três áreas e dentro da área vamos dizer assim, da parte doente, nós tínhamos as enfermarias e essa zona que nós olhamos era a parte de fora. E isso que é o hospital... A diretoria por exemplo era uma enfermaria. A parte da frente onde está as finanças era outra enfermaria. Onde era o Same era uma enfermaria, entendeu? Era tudo enfermaria. Enfermaria naqueles salões grandes, com muitas camas... O negócio era... desse jeito. E a gente fazia revisões naquela época nos pacientes, todo mês a gente fazia a revisão. O Dr. Andrade tinha uma turma, que eu esqueci de falar... O Dr. Passos...

ML: Ali. Eu vim aqui.

DO: Ah?

ML: Eu vim aqui em 1975 com uma aluna.

DO: Não, mas você... Não era...

ML: Numa reunião com o Rabelo...

DO: Ah, sim!

ML: Era Lígia de Andrade, que o senhor está falando?

DO: Ah, aquilo foi outro.

LM: Lygia Madeira?

ML Não, outra Lygia.

LM: Ah, outra Lygia.

DO: Não, não, não. Aqui era... os médicos eram: O Abílio, que era oftalmologista, eu, dermatologista... que era leprologista, como estava lá naquela época; o Andrade que era um clínico geral, o Passos, tinha o Célio que era cirurgião e tinha o dentista. Era só nós e o Pernambuco. Só.

ML Para esse monte de doente, não é?

LM: Nossa!

DO: Então nós tínhamos... a minha turma era de 300 pacientes.

LM: Nossa!

DO: Então eu examinava todo mês todos os pacientes. Então, os outros também faziam a mesma coisa, cada um do seu modo. Então, a gente colhia material, fazia as revisões...

ML Já era fazendo a sulfonaterapia?

DO: Ah, sim. A sulfona entrou no Brasil em [19]46.

ML É, você já começou a trabalhar fazendo a sulfona.

LM: É, não, não. Chaulmoogra já estava...

DO: Ah, já tinha a sulfona, controlava os tratamentos. E começamos a...

ML Dar alta.

DO: A... sim, a dar alta. Porque a alta era muito rigorosa naquela época.

LM: É, tinha as comissões, não é?

DO: Tinha as comissões de alta...

ML O senhor fazia parte de Comissão, como era?

DO: Eu fiz parte de comissões de alta, mais tarde, não é? Mas logo que eu cheguei aqui... eu lembro que veio aqui uma vez o Dr. Nelson de Souza Campos, para dar um curso. Foi logo no começo da década de 60. E eu... O Nelson... E fui eu que separei os pacientes para o Nelson dar alta... Aí ele viu que eu estava muito interessado no negócio de hanseníase. E naquela época o indivíduo que estivesse interessado em hanseníase o pessoal já começava a criar, não é? (risos)

LM: Era tão pouca gente a se interessar, não é? professor. Então... quem se interessa tem que... (tosse)

DO: Era, era. (TI) se ganhava muito mal.

LM: É.

DO: E era um negócio, como é que se diz? Negócio de vida...? Risco de vida.

ML Risco de vida.

LM: Ah, tá.

DO: Mas era muito pouco. E tinha o problema de você não ser visto com muito bons olhos na cidade. Porque...

LM: Imagino!

DO:...Porque eu estava começando a dermatologia na época, eu lembro disso...

LM: Você já começou como dermatologista também na cidade, no consultório? Sim, não é?

DO: Já, porque na época não tinha residência eu fiz a Dermatologia sempre...(TI) como monitor...

ML E depois pagavam muito pouco aqui, não dava para... casar. (risos)

DO: É. E logo depois que eu vim para cá, ia montar consultório aqui, não é? Então eu lembro que... a gente sai daqui... Vocês viram que a estrada é uma beleza, não é? (risos) Naquela época era terra.

LM: Agora, não é?

DO: Era terra.

LM: Imagino!

DO: Era terra. Então era um negócio fogo. Eu saía daqui, eu tinha que sair, eu trabalhava de manhã, eu tinha que pegar a perua que ia pegar o correio na cidade e tinha que ir naquela terra danada, aquela...

ML Poeira vermelha!

DO: Aquele calor miserável, mas chegava em Bauru...

LM: Nossa! Ficava com a roupa vermelhinha, não é?

DO: Então chegava lá em Bauru, lá no meu consultório, tinha que...

ML Não, e Bauru era muito mais longe.

DO: Tomar um banho, não é?

LM: Certo.

DO: Tinha que tomar um banho para atender lá... para começar atender doentes lá aos pingos, pingavam... E depois eu... Se eu. Numa época que eu começava a chegar um pouco mais tarde, eu perdia a perua que voltava às 5 horas, eu tinha que dormir no meu consultório. E era uma casa velha cheia de barata, e eu dormia lá na mesa de exame. (risos)

LM: Nossa.

DO: E na frente morava o Abílio, era o oftalmologista. Então o Abílio, batia o telefone para mim, e ia fazer a barba, porque eu não acordava, então o telefone ficava tocando

até eu acordar. (risos) Aí eu ia com ele. Quando não dava eu tinha que pegar um táxi. Quando chovia era uma coisa terrível.

LM: Ah, imagino! Deslizava?

ML Era lama.

DO: (TI) Hein? Tinha alguns choferes aqui que eram fantásticos. Nos traziam até aqui, com aquela chuva e tudo. Bom, então era assim isso, aqui...

LM: Foi Aimorés, Sanatório Aimorés até que ano?

DO: Foi Sanatório Aimorés... Foi Asilo-colônia Aimorés, depois Sanatório Aimorés, depois virou o... foi em 73 que mudou o nome para Lauro de Souza Lima. Era Hospital Lauro de Souza Lima, e depois mudou para Instituto em 89.

ML Bem, Instituto é bem recente.

DO: 1989. Foi isso que aconteceu. Que mais?

ML Foi muito bom ter entrado como instituto não é, Opromolla?

DO: Sim, claro.

ML Senão ele ia ficar... ter mesmo fim que os outros hospitais gerais.

DO: O quê?

ML Foi muito bom vocês terem conseguido que ele ficasse como instituto de pesquisa, porque ele ficou na administração das pesquisas, dos institutos de pesquisa.

DO: Ah, sim, nós mudamos, então. Foi... essa história aí...

ML Esse foi o grande bote, o grande bote...

DO: O grande lance.

ML É o grande lance para ajudar aqui a manter esse Centro de Pesquisa, não é?

DO: Mas foi... Aqui nós começamos o negócio de pesquisa foi desde o começo, sabe? Quer dizer, o Pernambuco incentivava bastante a gente. E não era só a gente...

LM: E você estava falando... Você estava falando do Souza Campos, que ele viu que você se interessava...

DO: Ainda fez um curso, fez um curso, eu também ajudei bastante naquele curso. E ele então ficou na marcação, era o professor. E eu também queria ver o Lauro, não é? E uma vez eu achei... Porque eu sabia que o Lauro estava fazendo... organizando uns trabalhos de terapêutica. No Pira[pitingui] e Santo Ângelo e eu queria botar o Lauro... o...

LM: O Hospital no meio?

DO: O Aimorés no meio. Aqui era sozinho, não é? Tinha o Oswaldo Cruz, esqueci do Oswaldo.

LM: É, o Oswaldo Cruz. É.

DO: Não podia esquecer dele, porque ele era uma figura interessante. Aí uma vez eu peguei um livro do Lauro, um livro de hanseníase... Lepra tuberculóide. E foi lá no consultório que ele tinha lá na... na... Ele tinha um consultório junto com o Marques, e com o Homem de Melo, lá na [Rua] Maria Antônia, perto daquela rua do viaduto Ana Paula, não é? Você não conhecem São Paulo, não é?

LM: Eu conheço muito pouco.

DO: É quase na Brigadeiro Luiz Antônio.

LM: Brigadeiro Luiz Antônio eu conheço.

DO: Ele tinha um consultório lá.

ML Ah, ele tinha consultório!? Eu pensava que ele só se dedicava a...

DO: Não, mas o consultório era só de hanseníase.

ML Ah! Tá.

DO: Eles faziam. E eu fui lá com a história dele fazer uma dedicatória para o livro e aproveitei, dei uma cantada nele, quer dizer, eu sabia que ele estava fazendo. E aí começou o negócio d'eu fazer a turma aqui entrar dentro do esquema da terapêutica. Então eu preparava os casos aqui, administrava os medicamentos que a gente selecionava e o Lauro vinha semanalmente, ou a cada 15 dias aqui e sempre trazia ou o Homem de Melo ou o Duarte, veio aqui várias vezes, o Francisco Ribeiro Arantes vinha também, e apresentava os casos... A gente tinha dois projetores. Nós tirávamos as fotos aqui. Eu tirava tudo, depois apresentava os pacientes. Não era toda a semana não, eu acho que uma vez por mês, não lembro agora. E apresentávamos os pacientes, as fotografias e os dados de baciloscopia e tudo e eles não sabiam que eu estava usando. Aí diziam se estava melhor, se não estava melhor, a gente comparava as fotos.

LM: É o duplo cego. (risos)

DO: É, eram uns cegos, mas eles não sabiam... E aí nós experimentamos muitas drogas com isso. Experimentamos... Experimentei terramicina, tetraciclina, (TI) cicloserina... Toda série de drogas. Nós usamos... E resultado da oxacilina.... Todas com resultados interessantes, muito interessantes. Empregamos a clovacilina, mas a clovacilina foi bem depois. Aí no currículo tem, tem várias drogas. Aí não currículo tem, tem várias drogas.

ML É, eu estava vendo aqui.

DO: E naquela época foi em que nós fizemos. Tanto é que quando foi... fomos nós que fizemos aqui as primeiras, quer dizer, nesse grupo... tinha um pessoal do Pira que fazia também lá as associações, porque o Lauro...

ML Com tetraciclina, a estreptomicina, não?

DO: Não, não. O Lauro, o Lauro, o Lauro já naquela época estava vendo esse negócio de resistência bacteriana. E eles estavam vendo que tinha muito paciente que piorava. Esse negócio de resistência já estava sendo falado há muito tempo, mas o Lauro é que fez um estudo bem feito junto com Francisco Ribeiro Arantes, que foi apresentado no Congresso [Internacional de Lepra] em 63[1]. E os pacientes lá do Pira que tomaram muitos remédios, grandes quantidades de sulfona, estavam reativados e aquele negócio todo. Então... Ele estava trabalhando para a Organização Mundial de Saúde através do René [Garrido Neves], através do Serviço Nacional da Lepra.

ML Lá no Rio, não é?

DO: É, que o René, o René tinha... o pessoal do Rio tinha ligações com a Organização Mundial de Saúde e muitas experiências teraupêuticas eram feitas em São Paulo, porque o René dava a medicação. Quer dizer, trazia os protocolos para o Lauro, para o Lauro experimentar. E o Lauro... E a gente participava dessa coisa, entendeu? E o René de vez em quando vinha aqui para ver como é que eram feitas. Então, as primeiras associações de medicamento, elas foram feitas aqui.

ML Eu acho que o René falou isso na entrevista dele.

LM: Falou, falou sim.

DO: Foi o Vadrini, mais as sulfas de longa ação que nós usamos... trabalhamos com todas as sulfas de longa ação. A sulfa sulfadoxina, a sulfa... a sulfametoxina tudo, sulfa metoxiclizazina**,** sulfa metoxpirimidina, todas elas, e a sulfadoxina aquela que... aquela que é mais... a eliminação é lenta. E as associadas. As associadas como Vadrini.

LM: Vadrini era o quê?

DO: Vadrini era um quimioterápico também, não deu muito certo. Com Ciba 1906 que de tiouréia.

ML Ah, tiouréia eu peguei.

DO: É, e esses trabalhos foram apresentados no Congresso de...

LM: [19]63?

ML [19]63 em Madri.

DO: Não.

LM: No Rio.

[1] Trata-se do VIII International Congress of Leprosy realizado em 1963, no Rio de Janeiro.

DO: No Rio.

ML Não, em Madri, em Madri foi...

DO: Foi em [19]52, 53... Depois foi a Havana, não é? Aliás, não, primeiro em Havana...

LM: Tóquio.

DO: Tóquio em [19]58 e [19]63 o Rio. Foi assim; a partir daí eu já fui em todos os outros congressos.

ML O seu trabalho de Rifampicina foi quando mesmo?

DO: Foi em [19]63.

ML Em [19]66.

DO: Em [19]63.

LM: [19]70, não é? porque não chegou...

DO: [19]63.

LM: O seu Congresso? O Rifampicina já foi... foi em [19]63?

DO: Não, não foi Rifampicina. Foi Rifampicina.

ML Pois é, mas já foi [19]63?

DO: Foi [19]63. Eu fui à Milão naquela época. Fui com o Lauro a Milão apresentar um simpósio que houve em Milão de Lepetit, e apresentei o trabalho que nós fizemos, interessante que tinha um outro italiano lá que estava fazendo também isso e eu apresentei primeiro. Era o... um nome gozado ele, Baccareda Boy, chamava, Baccareda Boy, italiano. E eu então apresentei isso. Gozado foi que eu apresentei em italiano. Eu não sabia italiano, (risos) mas apresentei em italiano porque tinha um italiano lá que me deu uma orientada... bom, eu era italiano, porque eu ouvia o pessoal falar...

LM: É, o seu sobrenome...

DO: É, mas eu não falo italiano.

ML Mas o senhor conhece muitas palavras...

DO: Ah, sim...

LM: É, porque o seu sobrenome.

DO: Então deu para dar até entonação de italiano. (risos) Foi interessante.

LM: Porque o sobrenome Opromolla é de origem italiana.

DO: É, sei. Meus avós eram italianos.

LM: Ah, tá!

DO: Não, eu estou só falando que eu não falo... e acabei lendo em italiano meu trabalho. Então eles fizeram. Usei a Rifamicina associada... a Rifampicina não...

LM: A Rifampicina.

DO: Porque a Rifampicina... A mãe é a Rifamicina SV, que o italiano falava S-U-V. É rifamicina e o derivado Iperazina e da Rifamicina SV é que é a Rifampicina. Então isso nós usamos depois, mas a primeira droga desse grupo que foi usada é que eu usei. Foi o Lauro, não é? com esse pessoal.

ML O Lauro estava nesse grupo, não é?

DO: Estava, claro.

ML E foi nesse grupo de pesquisa de terapêutica do Lauro que você fazia parte, não é?

DO: É, de terapêutica, é. E eu apresentei no Congresso de 63 isso aí. E depois nós associamos... no Congresso de 63 eu apresentei também a administração intravenosa também da...

ML Em 63 o [Luiz Marino] Bechelli estava na OMS já, não é?

DO: Estava.

ML E o Bechelli não fez nenhuma, assim... nenhuma... Porque, quando foi que surgiu a associação medicamentosa da rifampicina? Já chegou aqui nacionalmente foi em 77.

DO: O quê? Ah, não.

ML Que surgiu a associação da rifampicina? O Bechelli não... teve alguma iniciativa da OMS de já fazer a associação? Porque eu andei lendo uns artigos...

DO: Não, antes disso já a OMS já tinha tomado a iniciativa, tanto é que nós já empregávamos a associação. A história foi assim: Nós empregávamos a associação. Depois aquilo, quando chegou no Congresso em [19]63 o Lauro apresentou esse trabalho sobre a resistência, mas é uma resistência clínica. Não havia comprovação experimental. E o pessoal não deu muita bola para aquele negócio. Quando foi em [19]64 o [John Henry Singleton] Lepetit e o [Richard J W] Ress[2], lá na Malásia, eles provaram, usando a técnica de Shepard, eles mostraram que havia já resistência. Foi a primeira vez, mas também não deram bola porque eles acharam que a resistência era muito baixa. Era de 1 para 4 mil...

[2] Médicos da *British Medical Research Institute in London* que realizaram uma pesquisa sobre a resistência à dapsona com pacientes na Malásia.

ML Eu tenho até um artigo falando disso.

DO: De 1 para 4 mil... eu escrevi um negócio desse. E que era 1 para 4 mil era muita coisa... muito... eles usaram naquele hospital lá na Malásia, onde trabalhava o Ress eles fizeram essa observação, porque eles usaram, não usaram três concentrações da dieta, usaram uma concentração só. Então, acharam que era muito raro esse negócio e no fim se viu que era muito mais freqüente do que o que se pensava. Isso foi em [19]64. Tanto é que no Congresso de Londres, em [19]68, o Shepard já tinha feito... determinado na... com a pata do camundongo, que a dose elimitória mínima da sulfona. E que o equivaleria a dar sulfona a um miligrama por dia e sulfona, era o equivalente a dose mínima. E muita gente começou dar...

ML Eu lembro, foi 0,5 mg, fazer fracionado... dias alternados...

DO: É, e fora daqui também. Nesses países...

ML Mas no Brasil não foi tanto, não é? Opromolla.

DO: Eu vou contar uma história, eu vou contar. E esse negócio foi... eles fizeram, em alguns países eles usaram doses baixas de sulfona pra mostrar isso em melhores, melhores... Depois ficaram falando das resistências, entendeu? Então nessa época... porque eles achavam que era uma dose limitada, mínima dava um pouco mais, foi aí que apareceu o DADDS.

ML O DADDS, é.

DO: É, Diacetil, Diamina, Sulfona...

ML Sabe que eu cheguei a pegar o DADDS, não é?

DO: Eu sei. Diacetil, Diamina, Difenil, Sulfona...

ML Sulfona.

DO: E o DADDS era... equivaleria a você dar... você dar uma injeção a cada 75 dias equivalia você dar 3,5 vezes a dose limitória mínima.

LM: Nossa!

DO: Aí o Shepard começou a fazer um trabalho desse aí lá na Nova Guiné. E esse DADDS foi usado por aí, por uma porção de gente aqui no Brasil.

ML Foi na Amazônia.

DO: Aconteceu uma coisa muito interessante, que eles trouxeram esse DADDS para ser usado aqui. Quem era o chefe lá do Serviço Nacional da Lepra era o...

ML Não era o Ademir?

DO: O Nilton.

ML Ah, foi antes do Ademir, é.

DO: Nilton, Nilton, e aí foi feito um simpósio em São Paulo, acho que estava o Bechelli também. Tinha uma porção de gente boa no simpósio e se chegou à conclusão, veja só como é que são as coisas. Se chegou à conclusão que o DADDS era uma coisa interessante e tal, mas precisava ser com cautela, porque a dose era baixa...

ML Ah, então é. Eu acho que tem alguma coisa desse nível.

DO: E você... seria admissível você administrar a sulfona... Essa droga se... no lugar de...

ML De difícil...

DO: De experimentação. Só depois disso que a gente poderia fazer isso.

ML Ah, tá.

DO: Uns meses seguintes eles fizeram um novo simpósio no Norte e aprovaram o uso da droga.

LM: Nossa! Que coisa.

ML Justamente nas áreas de difícil acesso da Amazônia.

DO: É. E aí foi usada em todo lugar. Tanto é que uma vez eu encontrei o Sinésio [Talhari], (tosse) o Sinésio começou a apresentar esses dados do DADDS eu falei: "Olha ...".

.

LM: Tenha cuidado. (risos)

DO: Aí eu falei para ele: "Você toma cuidado, que você vai ver a resistência que vai aparecer aí."

LM: Não deu outra.

DO: Mas ele parou com esse negócio. Quando ele parou.

ML O senhor sabe que eu... o primeiro convite de... primeiro emprego assim, mas que eu não aceitei, mas convite que me fizeram para trabalhar na hanseníase era justamente um emprego no Acre e era para usar a DADDS, que considerada de difícil acesso, não é? As pessoas do interior, não é? Então, era injeção de 75 em 75 dias.

DO: Então. É o grande problema desse pessoal, entende? Aí começaram... Quer dizer, então o que estava acontecendo naquela época? Que época foi essa? Foi a época antes do Congresso da Inglaterra, em final de 68. Quer dizer, você tinha a comprovação da resistência, você tinha o clamor dos clínicos pela, que existia a resistência e era muito importante e bastante frequente, mas não tinha a comprovação experimental de que fosse frequente, mas já tinha uma comprovação experimental. E tinha o negócio da dose

limitória mínima e apareceu um remédio que poderia dar a cada 75 dias e seria muito útil para tratar os pacientes porque era uma injeção. Então, eles começaram a dar isso para todo mundo.

LM: Aderiram.

DO: Dando doses muito baixas, tá certo? E o resultado dessa história foi que quando começou a década de 70 começaram a aparecer casos...

LM: De recidiva ?

DO: De resistência.

LM: É, resistência.

DO: Em 70 foi publicado... foi um choque aquele negócio. O pessoal lá do Jacobson e o Trautman, eles publicaram o... para revisão dos casos do Faget, tratados com a sulfona do Faget, o que...o

Fita 2 – Lado A

LM: Fita número dois.

DO:... que todos... E eles misturaram que todos que ainda... que estavam, que os que estavam vivos estavam já resistentes à sulfona. E aí então eles começaram a dar outras drogas aí...

LM: Nossa!

ML: Aí já tinha a clofazimina**,** não é?

DO: Já tinha a clofazimina, mas eles passaram para a clofazimina por causa disso, mas já tinha resistência. E naquela mesma época foi demonstrada... descobriram caso de resistência à rifampicina também. Aí começaram a ficar doidos. Tanto é que quando o Ademir foi para o Congresso em Genebra, parece que foi por volta de... não é Congresso, uma reunião em Genebra. Eu acho que deve ter sido por volta de [19]76 por aí. Ele já veio com uma recomendação, já com uma porção de esquemas de associação de drogas. Uma série de esquemas de associação de drogas.

ML Ah, eu me lembro.

DO: A estreptomicina e mais não sei o que, mais isso, mais aquilo... a rifampicina... tinha várias associações. Acontece que o único país que acabou fazendo a associação de drogas foi o Brasil.

LM: É.

ML: Apesar de que falavam que era cara a rifampicina...

DO: É. E aí eu lembro que nós fizemos uma reunião com... porque eu já tinha feito um trabalho com a rifampicina e eu tinha chegado à conclusão que o negócio da rifampicina, até três meses, os resultados eram muito bons, principalmente os casos que estavam piorando. Depois a gente não notava mais melhoras assim muito evidentes. É claro, os pacientes já tinham... os bacilos estavam tudo morto, mas de qualquer forma era essa a impressão que dava na época.

ML: Por isso que a gente adotou a clofazimina.

DO: Aí foi adotado um esquema que era associar a rifampicina com a sulfona, que é o esquema do OMS.

ML: O seu trabalho... foi o seu trabalho que orientou o esquema DNDS.

LM: É o esquema o quê? DNDS.

ML: DNDS.

DO: DNDS, Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária. Foi naquela época. E, então o Brasil foi o único que fez isso praticamente.

ML: Agora, uma coisa Opromolla é que...

DO: E os outros países não fizeram, porque não tinham recursos porque o governo não era...

ML: É, agora, pois é. Eu tenho um documento até interessante da discussão da introdução desse esquema e se falava isso, que era inviável economicamente colocar isso para o país. Mas alguns estados tomaram a iniciativa de comprar o remédio. Então São Paulo... Eu até estava discutindo até que ponto isso influenciou nessa queda da detecção que se observa por exemplo no estado de São Paulo, antes da implementação da polioquimioterapia e também no Rio Grande do Sul. São Paulo comprou rifampicina durante toda a segunda metade da década de 70 e até a primeira metade da década de 80, não é?

DO: É.

ML: E o Rio Grande do Sul também implantou em [19]77, varreu o estado de rifampicina, ao contrário do Rio de Janeiro, que eu me lembro que eu cobrava a rifampicina da Secretaria de Saúde em 1980, 1981, 79, quando eu comecei... 79, quando eu comecei no Centro de Saúde, quer dizer, porque no Instituto de Leprologia tinha rifampicina já em 1976, quando eu comecei, em [19]77, mas quando eu cheguei no Centro de Saúde não tinha. E eu lembro que eu comecei a brigar para ter a rifampicina. E quando eu fui coordenadora estadual no Rio de Janeiro em 1983, eu fiquei surpresa de chegar no interior e os médicos não saberem que a rifampicina era usada pra, pra...

LM: Para hanseníase ?

ML: Para hanseníase. Então isso dependeu muito assim dos estados, sabe? O estado que foi mais rigoroso, e providenciou a rifampicina. Eu estava vendo prontuários, quando na

minha tese eu trabalhei com prontuários lá em Manaus e eu vi assim 1980, as pessoas dando clofazimina e não tinha rifampicina no hospital Alfredo da Matta, não é? Então eu acho que assim, que o governo federal ele não tinha...

LM: Controle, não é ?

ML: Não teve como providenciar a rifampicina para todos do Brasil e alguns estados o fizeram por conta própria. Isso é que é interessante.

DO: É. Deve ter... eu me lembro de qualquer coisa desse tipo, mas foi uma coisa interessante sob vários aspectos, porque aí eles começaram a reconhecer os outros, os alienígenas, (risos) começaram a reconhecer que eles recomendavam dose de sulfona que começavam com dose baixa que fosse aumentando para evitar reações.

ML: É, 0,25 mg.

DO: Durante as reações eles paravam o remédio.

ML: Era.

DO: Usavam doses insuficientes.

ML: E depois quando também...

DO:... e depois começaram a se queixar da resistência que estava aumentando.

ML: É. E depois quando negativava, começava a fazer de três em três dias, não sei o que, não sei o que...

DO: É. Então isso criou uma situação. Bom, então aí ficou aquele desespero total, estou falando da droga agora, o desespero total que pediu então... a organização começou a pedir para associar o medicamento, a essas associações, a única que fez foi o Brasil e a coisa continua piorando, porque ninguém fez, só o Brasil fez e em [19]81 é que fez aquela reunião em Genebra e saíram esses novos esquemas. Por isso, esse negócio aí da parte de...

ML: Seis meses? (risos)

DO: Seis meses e dois anos, não é? E até negativar. Foi em [19]81 a reunião que implantou os novos esquemas.

ML: É, até negativar.

DO: Até negativar. Em seis meses para os paucibacilares e dois anos...

ML: É, dois anos ou até negativar...

DO: Ou até negativar para os multibacilares. Bom, então isso aí é dessa época aí para depois chegar na droga. (tosse) Voltando um pouco mais para trás, tem alguns fatos que eu acho que a gente podia chamar atenção dentro desse período tirando a questão

terapêutica. No estado começou haver essa (pigarro) o Departamento de Profilaxia da Lepra continuava aquela coisa e vocês viram que o... que depois o [Walter] Lezer então acabou com isso e o [Abrahão] Rotberg começou a... (pigarro) Aí começou a campanha do [Abrahão] Rotberg em relação ao nome da doença, a mudança do nome que era... que eu acho uma coisa muito boa, foi formidável isso aí. Eu acho que foi fantástico. As pessoas não entendem isso; quem não lida com paciente não entende isso, não entende. Porque não consegue entender.

ML: Para o paciente é bom.

DO: Claro! E para quem que tem que ser? Vai ser bom para nós? Quer dizer, pra você é bom falar lepra e o paciente que se estrepe, não é? (risos) Mas é para pensar no paciente mesmo.

LM: E para o paciente o senhor acha que foi bom?

DO: Foi muito importante, muito importante.

LM: Foi bom.

DO: E porque a hanseníase, quer dizer, a lepra realmente, se você for estudar a lepra, você vai ver que a lepra não é hanseníase; hanseníase faz parte desse complexo, isso eu não tenho dúvidas, quer dizer, está claro isso em tudo quanto é lugar que você vai, quer dizer, em qualquer coisa que você lê, quer dizer, você lê o **(inaudível),** por exemplo, às vezes você vê que o que é o tratado do Danielssen[3], quer dizer, nós temos aqui o Tratado do Danielssen[4] original. E você tem lá... você vê que a... tem uma escala por exemplo de doenças naquele período da Idade Média, e outras áreas aí que é a psora, não, pioderma virando psora e depois virando lepra. Quer dizer, a psoríase, piodermia... Então tem a... eram uns conceitos completamente doidos, quer dizer, completamente diferente, a escabis, quer dizer, a sarna, as misturas... quer dizer era um negócio... (tosse) Tudo era lepra. Então realmente valia a pena fazer uma mudança dessa, e agora que estão fazendo isso, estão tudo correndo atrás de como fazer educação sanitária. (pigarro) Então é... essa mudança foi muito interessante, a gente sente. Eu senti isso muito com os doentes no meu consultório, eles chegavam..."O que é que eu tenho?" "Você tem hanseníase." "O que é hanseníase?" Hanseníase é uma doença infecciosa, pode pegar pode lhe deixar com a mão assim ou assado..."

ML: Em algum momento o senhor adota falar que hanseníase antigamente era chamada lepra para o seu paciente?

DO: Não, não, não falo. Muitos pacientes me falaram: "Mas hanseníase não é lepra?" Eu falei: "É. Era uma das lepras. A sífilis era lepra, sarna era lepra, tudo era lepra." Acabou. Não acabava coisa... não tem que dar satisfação de falar que ele fazia parte de uma história, que era castigo, que era não sei o que, não sei o que lá. Quer dizer, isso daí é sadismo dos próprios médicos. Sadismo puro porque pra que é que o doente quer saber se é lepra ou se não é lepra? Você está dando o diagnóstico certo de uma doença, está dando os princípios que ele tem que ter para fazer tratamento, para preservar da

[3] Daniel Danielssen foi o primeiro pesquisador a fazer uma extensa descrição da doença e Gerhard Armauer Hansen se baseia neste estudo para o levar à descoberta do bacilo causador.
[4] Traité de la spédalsked ou eléphantiasis de grecs em co-autoria com Carl Wilhelm Boeck.

doença, pra evitar incapacidade, para que é que você vai ter que falar que antigamente se chamava lepra. Para quê? Que benefício vai trazer para esses caras? Quer dizer, trazer uma preocupação dele... dele ligar isso a um passado ou de alguém que falou e aí ele... Aí é que o cara fica doente.

LM: Sim.

DO: Porque muita gente fala que é hanseníase, em geral o pessoal não sabe nem o que pronuncia. Quem não sabe o que é lepra... ninguém fala que é lepra hoje aqui, pelo menos aqui. (pigarro)

ML: Opromolla, você está falando assim a história da terapêutica e colocando sempre essa... Essa necessidade de cobertura de maior número de pessoas e as dificuldades da própria doença com relação ao arsenal terapêutico que existe, não é? Quer dizer, eu já sei das suas posições e tudo, mas você sempre lembra dessa história para que a gente possa ir com mais cuidado com relação ao que a gente está vivendo agora. Por exemplo...

DO: Você está vendo que...

ML: É, essa nova recomendação de seis doses para... seis meses para todo mundo, não é? você acha isso muito temeroso, não é?

DO: É claro que é. Porque olha, veja bem, se você pegar os pacientes, você olha, você tem pacientes que você vê que é um virchowiano, mesmo, não é? e é insipiente. Esse você trata com uma dose baixa, com período pequeno. Você tem os doentes mais moderados que vão precisar de doses mais fortes...

ML: Mais aqueles com hansenoma, não é?

DO: Aí não tem cabimento você dar seis meses.

ML: É, eu também contínuo fazendo 24.

DO: Mas escuta, você já leu, o Ji Bahong agora, ultimamente o Ji Bahong escrevendo, o Ji Bahong. Que... É, está na cara, quer dizer, eles já estão ficando desesperados de fazer essas recomendações. Eu acho que o problema do sanitarista tem esses aspectos, não é? O epidemiólogo ele pega... Ele lida com números, ele calcula os riscos, não é? Se o risco valer a pena, o risco é... se você tratar o maior número de pessoas você está controlando o problema. Quer dizer, o se o risco for pequeno, alguns têm que sofrer com isso, mas acontece que as pessoas adotam determinadas medidas sem muito, muito subsídio. Por exemplo, quem é que tratou seis meses e ficou seguindo esses pacientes durante bastante tempo?

ML: Não, não existe ainda esse... Pelo que eu saiba não tem ainda, não é? esse...

DO: Se não tem porque é que recomenda?

ML: É.

DO: Quer dizer, esse é que é o problema. Um ano, quem é que tem experiência com um ano? Eles também não tem... entende? E quando tinha uma experiência com dois estourou aquela história em Mali, que aquele pessoal que estava tomando lá em Mali começou a ficar com os três cruzes de início, começaram a reativar, é claro.

ML: Essas pessoas ficaram resistentes à sulfona principalmente, não é?

DO: Claro!

ML: Opromolla como é que está? Você é um dos pioneiros, é um que vem mantendo no Brasil, a inoculação experimental, não é? para avaliação de resistência. Tem havido algum caso de resistência concomitante aqui com rifampicina e clofazimina. A sulfona, eu lembro que você tem um caso publicado, não é?

DO: Então, nós temos feito... Bom, a nossa inoculação nós fazemos aqui regularmente, não é?

ML: Continua com o apoio da Secretaria [Estadual de Saúde]? Mais Secretaria, mais Fapesp que apóia ao seu o projeto de inoculação.

DO: Não, Fapesp, não.

ML: Não? Quem te apoia hoje?

DO: Aqui quem apoia é a própria Secretaria.

ML: É, não é?

DO: Nós temos alguns projetos, mas não da FAPESP; aqui em cima desse projeto do coisa, (pigarro) Mas... mas eu não...

ML: Porque é o único do país, não é?

DO: É o único que faz.

ML: O único que nos salva. Até mandei um recente.

DO: Nós temos feito para o Rio, temos feito para Manaus, temos feito para alguns lugares aí... E para aqui também...

ML: Para mim, também.

LM: Como é que é esse processo de inoculação, professor?

DO: É, o Shepard, um grande pesquisador americano verificou que inoculando o bacilo na pata do camundongo, uma quantidade conhecida de bacilo, na pata do camundongo, cerca de cinco mil bacilos, eles multiplicavam durante seis a oito meses, de uma maneira regular e depois eles ficavam num platô. Então, essa multiplicação regular do bacilo permitia que se estudasse muita coisa. Inclusive o problema que se você der para

um ratinho, misturado na dieta um medicamento, e depois que o bacilo foi inoculado, se a multiplicação parar por exemplo, você vai ver que a droga está funcionando.

LM: Está funcionando, claro.

DO: Entende? E assim por diante. Esse esquema, essa maneira de... essa técnica de inoculação, esse modelo experimental pode fazer... você querer saber quanto tempo o bacilo leva para multiplicar.

LM: Hum. Ótimo!

DO: Que tipo de droga você pode usar que funciona contra hanseníase... Se a droga apenas inibe a multiplicação do bacilo ou destrói o bacilo.

LM: Ou se diminui...

DO: Tudo isso pode se somar com isso.

LM: Está certo.

ML: Opromolla você... é quer dizer, é interessante que o Instituto Lauro de Souza Lima mantém uma atividade assim docente, não é, uma atividade acadêmica para todo o estado de São Paulo, para o Brasil mesmo, é um dos centros de referência não é? do país, um Centro de Referência Regional...

DO: E é da Organização Mundial de Saúde.

ML: E também é credenciado pela Organização Mundial de Saúde.

DO: É, é registrado.

LM: Bacana!

ML: Mas então essa transformação do hospital, ela já começou antes daquela portaria de 1987, não é? Que recomendava então que os hospitais pudessem ser transformados em centros de referências em Dermatologia porque vocês já eram naquela época, já eram Centro de Referência.

DO: É, foi o primeiro Centro.

ML: Então vocês foram o primeiro hospital, ex-hospital colônia que se transformou num Centro de Referência mesmo, não é? Antes da portaria de 1987, não é?

DO: Ah, muito antes. Porque...

ML: É, bem antes. Isso foi bem interessante.

DO: E a história desse negócio aqui foi assim, quer ver... se interessa...

ML: Mas, então, eu acho que você, pelo fato de você desde o início então, desse... primeiro essa história que você me conta agora do Pernambuco que modernizou o hospital, não deixou que ele ficasse decadente como muitos outros, depois a sua inclusão no grupo de pesquisa do Lauro de Souza Lima e do Nelson Souza Campos, quer dizer, você foi a chama que manteve essa articulação acadêmica, não é? Você próprio estudou... se diplomou, se tornou doutor e orienta teses, e briga, como agora, quer dizer, agora eu estou vendo que esse, que essa... recuperação e a criação do museu, dessas áreas, dessas estruturas arquitetônicas que existe aqui também, de todo o arquivo que tem da biblioteca, a própria biblioteca, transformou essa biblioteca numa biblioteca de referência. Hoje o Marcos estava dizendo, eu falei, ela é referência nacional em hanseníase, é a única, porque a Fiocruz tinha uma no Instituto de Leprologia mais foi totalmente dizimada, não é? Então essa é a única biblioteca específica em hanseníase que existe na América Latina. O Marcos falou assim: "Eu acho que é no mundo. É a mais completa que tem mundo." Eu acho que... não tem uma biblioteca...

DO: Você conhece a Bireme[5]?

ML: Sim, a Bireme considera essa aqui especialíssima.

DO: Agora nós somos... nós somos a biblioteca cooperadora...

ML: Cooperadora da Bireme, isso é muito interessante, não é?

DO: Nós fazemos parte do conjunto, já.

ML: É, isso é muito bom, muito bom.

DO: Bom, material fotográfico, aqui, vocês sabem que está tudo digitado, não é? digitalizado. Todo... já fizemos já... E nós estamos com 40 mil imagens.

LM: Vocês são... o museu, vocês vão ter tudo isso no museu, não é? Você está pensando em fazer tudo isso e botar num Museu?

DO: Não, estou falando *slides* clínicos.

ML: Ah, tá!

DO: Agora fotografias clínicas... fotografias antigas nós temos muitas, vou fazer tudo isso, tudo está sendo catalogado aí.

LM: É, nós vimos as meninas trabalhando.

DO: Esse tipo de coisa a gente vai colocar... Entende?É isso que eu falei para você que a Yara [Nogueira Monteiro]..

LM: É, a assessoria que ela está dando.

---

[5] Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, também conhecido pelo seu nome original Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), é um centro especializado da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), orientado à cooperação técnica em informação científica em saúde.

DO: E nós fizemos parte da diretoria da Fundação [Paulista Contra a Hanseníase], lá em São Paulo. A Yara faz parte também.

LM: Que Fundação, professor?

ML: A Fundação de Saúde.

DO: A Fundação de Combate à Hanseníase no Estado [Fundação Paulista Contra a Hanseníase].

ML: Que a Marli [Manini] é chefe.

DO: A Marli é presidente.

LM: Ah, tá!

ML: Onde era a?

DO: E eu sou vice-presidente. Então é esse tipo de coisa... se interessar eu vou voltar... interessa falar sobre essa transformação? Porque foi uma coisa...

ML: Claro!

LM: Claro que interessa.

ML: Foi muito interessante. É o grande lance, como você falou, é o grande lance.

DO: É, porque aqui aconteceu o seguinte: já havia há muito tempo, quando o Lauro [de Souza Lima], o Rotberg, até falei para o Rotberg agora quando ele deu aula lá na Fundação, foi muito interessante, danadinho ele... Você viu a aula dele?

LM: Não.

DO: Eu tenho, foi gravada, eu tenho a gravação... E ele...

ML: Ah, ele mandou pelo correio umas coisas escritas.

DO: Não fita, uma fita.

LM: É, mas ele mandou pelo correio umas coisas escritas.

DO: É. E o [Abrahão] Rotberg na época que ele estava... em [19]68, que o [Walter] Lezer fez duas, teve dois lances na Secretaria de Saúde.

LM: Dois mandatos, não é?

DO: Dois mandatos.

LM: E o Rotberg ficou três, não é?

DO: É, e o Rotberg ficou lá com ele. E o Rotberg, naquela época ele... os hospitais foram chamados hospitais de dermatologia sanitária e não eram mais sanatórios, não é? Eram hospitais de dermatologia sanitária, depois que ficou Hospital Lauro de Souza Lima que foi... Então, os hospitais de dermatologia sanitária, ele incentivou para que a gente internasse doentes de outras doenças. E eu me lembro que eu internei o primeiro caso de Pênfigo Foliáceo aqui.

ML: Isso foi que ano? Isso foi em que ano?

DO: E a primeira jornada dermatológica paulista do interior...

LM: Foi aqui também?

DO: Foi feita aqui no Lauro de Souza Lima. Naquela época.

LM: Olha, que legal!

ML: Eu vim aqui com o [Eduardo] Rabelo numa seção...

DO: Ah, não. O Rabelo é outra história.

ML: Aquilo era o quê? Aquilo era seção anatomo-patológica?

DO: Aquela do Rabelo foi seguinte, nós fizemos uma, uma... nós fizemos uma reunião em que nós convidamos todos os patologistas...

ML: Ah, era seção anatomo-patológica.

DO: Aquelas dos doentes, ou não? Que vocês viram os doentes?

ML: Vi doentes e vi as lâminas.

DO: É. Então nós mandamos uma coleção de lâminas para todo o pessoal que tinha alguma experiência com hanseníase. O René [Garrido Neves] veio, o [Rubem David] Azulay veio...

ML: É porque eu era aluna do René, eu era estagiária do René.

DO: Então todos eles vieram, os pacientes estavam aí, a gente... nós fizemos grupos. Ah, você viu isso aí, eu não preciso nem falar. Fizemos uns grupos e examinamos os doentes, vimos as lâminas, os slides, comparávamos e depois nós fizemos o final, não é? Com os vários grupos.

ML: Agora essa jornada de Dermatologia foi que ano?

DO: Hein?

ML: A jornada de Dermatologia, a primeira, que se caracterizou como hospital de Dermatologia sanitária?

DO: Foi nessa época, foi nesse ano ainda.

LM: 75, 76?

DO: Não, não, foi antes.

ML: Foi antes?

DO: Foi antes, foi antes. Deve ter sido [19]71, por aí, porque foi numa época em que... Olha, o Lauro, muitas coisas aconteceram naquele ano. 68 foi a reforma da Secretaria de Saúde e foi que o Rotberg começou a... e foi nessa época que começou tudo isso aí. Depois em 70, mais ou menos nessa época, não tenho datas exatas, começou por exemplo a Neuza [Lima Dillon], de Botucatu, professora Neuza, começou a trazer os alunos, no fim da década de 60; os alunos de Botucatu foram os primeiros, vinham para cá e ficavam aqui 15 dias dormindo aqui, fazendo as coisas... e aí o pessoal por exemplo Cláudio, o Ivan, o Pernambuco, o filho do Pernambuco...

ML: São ex-alunos do senhor.

DO: Passaram por aqui, não é? E então foi isso que aconteceu nessa época e começou aquela história da mudança de nome que eu falei e tal. E havia uma situação que eu acho que também foi muito interessante que foi culminar com a sua entrada. Pensando bem, na época era o Ademir que era o chefe do Serviço Nacional de Lepra, nós éramos muito amigos, o Ademir com o Lauro, porque o Dr. Mário Pernambuco ficou aqui até 65, depois ele preparou o Oswaldo Cruz, fez o Oswaldo Cruz fazer o curso de Administração Hospitalar e ele foi ser administrador na Santa Casa de São Paulo, da Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo. Aí ele saiu de Bauru e foi para lá e o Oswaldo Cruz ficou como diretor daqui.

ML: Eu cheguei a conhecê-lo como diretor.

DO: Oswaldo Cruz é o mesmo nome do... (risos)

ML: É.

DO: Então Oswaldo Cruz começou, não é? Então, nessa final aí o Oswaldo Cruz era o diretor, o Lauro, o Rotberg essa coisa que eu falei e tal. E havia uma situação em que eu me lembro que o Nilton. O Nilton uma vez vi o Nilton falando, o Nilton falando o negócio do pessoal porque havia uma situação caótica aqui no Brasil que era a situação do... dos... como é que se diz, as entidades internacionais faziam o que queriam aqui. Então, tinha entidade internacional que ia lá na Amazônia fazia uma porção de coisa. Tinha uns padres não sei o que, que levavam para o Acre o Leprostan, lá que... um remédio que ficavam dando para os doentes lá e a American Leprosy Mission para cá e outros não sei o que... tudo misturado, cada um fazendo o que queria. Aí quando entrou o Ademir e como nós éramos muitos amigos do Ademir, eu comecei, eu falei para o Ademir que estava acontecendo esse negócio e que ele precisava tomar uma atitude e que a melhor maneira, como nós já estamos com a ligação com o Jorge [Oliveira de] Macedo, que era da American Leprosy Mission, na época, era o representante aqui, era,

CERPHA [Comissão Evangélica de Reabilitação de Pacientes de Hanseníase][6] vou contar depois esse período que...

ML: Eu vim aqui.

DO: Mas foi... Não foi na primeira, você foi na segunda.

ML: Eu vim em [19]83. Não, eu vim em 83. Nessa época, 83.

DO: Você foi na segunda. É, na primeira reunião que foi na época do Ademir, então o Ademir e o Jorge Macedo concordaram em fazer esse negócio. Então nós chamamos todos os representantes das entidades internacionais que estavam mexendo aqui no Brasil. E cada um veio nessa reunião que eu achei memorável porque foi muito interessante, cada um falou do que estava fazendo aqui no seu projeto.

ML: Em 70 e quanto isso? 70 e...

DO: No começo da década de 70, era o Ademir ainda, foi logo... o Ademir. E o... como é que é? Fizemos essa reunião então cada um falou o que estava fazendo aqui no Brasil, esse negócio todo e aí foi a oportunidade do próprio Ademir entrar como Ministério, e dizer que a coisa não podia ser desse jeito, que todo mundo tinha que juntar os esforços, porque era isso que a gente queria. Ninguém podia ficar... cada um puxando a corda para um lado...

LM: Para um lado.

DO: Que cada um tinha que se submeter ao Ministério [da Saúde] pra trabalhar esse negócio todo. Essa foi a primeira reunião.

ML: A segunda já foi com o Aguinaldo [Gonçalves], não é?

DO: A segunda reunião ainda não foi com o Aguinaldo.

ML: Deve ter sido, porque...

DO: Foi. A segunda foi com o Aguinaldo, está certo. A segunda foi com a Aguinaldo, mas antes dessa eu tive uma reunião, uma outra reunião, que até a Vera [Lúcia Gomes de] Andrade veio aqui também.

ML: Então foi essa.

DO: Foi essa daí que você veio aí?

ML: Foi essa que eu vim.

DO: Então tá, mas eu acho que então houve uma primeira então.

ML: Essa foi a segunda.

---

[6] ONG dedicada a ajudar os programas de controle da hanseníase no Brasil nas décadas de 1970 e 1980.

DO: Que ano que foi que você veio aqui?

ML: Eu vim aqui, deve ter sido em [19]83.

DO: Ah, não. Foi muito antes, foi na década de 70.

ML: Não, aí a Vera [Andrade] também não estava, porque a Vera...

DO: Era o Ademir, era o Ademir...

ML: Olha, só. A Vera entrou na hanseníase...

DO: Quando que o Ademir faleceu?

ML: Olha em [19]77 o Ademir ainda era o diretor da Divisão.

DO: Então em 77, foi antes disso.

ML: Então, mas essa foi a primeira, 77, 78.

DO: Então essa foi a primeira, você não estava aí.

ML: Então, eu não estava, eu vim aqui em 83, aí a minha pergunta é se a segunda reunião foi essa de 83.

DO: Foi a segunda então ou foi a terceira.

ML: É, não sei.

DO: Eu acho que em 83... Quando que... porque olha aqui. Sabe o que aconteceu? Nós fizemos a primeira reunião e deu todo esse negócio. Depois eu lembro que... Ah, bom, depois aconteceu outra coisa. Logo depois dessa reunião também nós começamos aqui a achar que a parte social do hospital, o Oswaldo falava muito nisso aí, devia ficar com o Ministério, do serviço... Ministério... outro Ministério...

ML: O Ministério Social, não é, da área social.

LM: Ação Social?

ML: É.

DO: Aí então nós começamos a... vamos fazer a divisão, vamos fazer uma mudança aqui no hospital. Então nós pegamos aqui, fizemos o seguinte: aí nós dividimos o hospital em duas áreas, a área de... o setor social, vocês viram lá. E a área de hospital propriamente dito, e nós começamos a trabalhar como se nós fôssemos separados, quer dizer, como se tivesse separado essas duas áreas apesar delas estarem juntas.

ML: Foi antes da portaria do Ministério. Isso que eu falei, eles fizeram antes...

DO: Não, essa portaria do Ministério, é por causa disso que eu vou te falar, entendeu? Então da época eu tinha... Por essa época... Eu não lembro agora as datas direito, não, eu precisava consultar porque eu tinha ido à Venezuela na época; nós estávamos já organizando aqui a nossa parte, o serviço de reabilitação, e nós começamos a reabilitação... a nossa reabilitação aqui começou muito interessante. Como nós não tínhamos nada, isso já foi na década de 60, ainda, nós não tínhamos nada assim de reabilitação, de coisa desse tipo. Eu estava muito influenciado pelo [Paul Wilson] Brand[7], que era um grande cirurgião inglês que estava na Índia, essa coisa toda e pelas coisas que ele fazia lá...

ML: Ele e a mulher dele?

DO: Ele e a Margareth, e então eu... eu comecei a fazer um negócio aqui assim. Como eu não tinha ortopedista, não tinha nada eu comecei a fazer só educação sanitária. Nós fizemos uma sala aqui que foi chamada "Sala do pé bom".

LM: Pé bom. (Risos)

DO: Então todos os pacientes que tinham o pé bom, iam nessa sala e a gente dava aula para ele não ficar com o pé ruim, (risos) porque ainda não tinha jeito pra tratar das pessoas que estavam com o pé ruim; porque não tínhamos ortopedista não tinha nada, era só fazer curativo. Então a gente... nós começamos a trabalhar nisso e começamos a montar a reabilitação aqui, então eu me lembro que houve uma época que eles tentaram fazer um serviço de reabilitação no [Sanatório] Padre Bento, lá no Padre Bento, em São Paulo. Era o [Walter] Belda inclusive que participou desse...

ML: O [José de Jesus] Arvelo chegou a vir aqui na década de 60...

DO: Veio.

ML: Não, não é? Já foi 70, já foi 70.

DO: Então, mas foi logo no começo, foi logo no começo, mas nós já estávamos com a reabilitação, mantendo a reabilitação aqui. O segundo curso do Arvelo foi feito aqui; o primeiro foi feito em Belém, o segundo foi ... Então nós começamos a organizar essa questão da reabilitação aqui. Então, lá em São Paulo eles tinham tentado fazer um Centro de Reabilitação, em São Paulo. Na época, era uma época muito... eles estavam... fazer coisa para fazer cirurgia... andaram trabalhando durante uns dois ou três anos. Era um centro muito bem equipado, tinha tudo, depois, morreu. E aquele material ficou lá, um pouco aqui, um pouco ali no Padre Bento, e tal, aí eu soube que esse material estava lá jogado e trouxe todo o material pra cá e montei uma reabilitação assim "para inglês ver" digamos assim, não é? e...

Fita 2 - Lado B

DO: ...que fazer, tanto é que quando o Arvelo veio aqui... não adianta nada, o que

[7] Paul Wilson Brand (17/07/1914 – 08/07/2003) foi um renomado ortopedista e cirurgião inglês que dedicou sua vida ao combate contra a hanseníase, também conhecida como lepra, tendo desenvolvido importantes técnicas cirúrgicas para ajudar os portadores desta doença na Índia, país onde viveu por muitos anos,

precisa é fazer, é o paciente... é outra coisa, é prevenção com técnica simples, aquele negócio, mas na época, na época... eles faziam até uma porção de chantagem, fazia uma porção de jogada e eu lembro que nós tínhamos aí a nossa reabilitação montada que era, naquela época era aqui aonde é, aonde é que pessoas... onde era a reabilitação, o (TI) da reabilitação. Então, tinha uma sala, e nós conseguimos contratar um professor de Educação Física para vir aqui para trabalhar com a gente que era o professor Guimarães, e ele fazia Fisioterapia, mas daquele jeito, não é? Porque não tinha dentro de princípio nenhum, mas ele fazia isso, eu também não entendia desse negócio, depois eu fui fazer visita em Centros de Reabilitação em São Paulo para ver como a coisa podia ser funcionada e tal. E eu me lembro que... todo esse período em fim de 60, fins dos anos 60 e começo dos anos 70. Aí eu me lembro que até chegou um dia que eu consegui contratar, bom isso foi depois, mas eu trouxe aqui, na época já tinha ortopedista era o Fuad. Eu trouxe um cara que tinha um serviço de reabilitação em São Paulo que eu não lembro o nome dele e foi nessa época em 1972; 72 foi minha tese de doutoramento, eu acho que foi em 73. 73 foi um ano terrível, foi sim, foi por causa do seguinte que eu vou contar: Congresso da Noruega foi em 73, não é? foi... em 73 foi de... lá de...

LM: 68 foi Inglaterra, eu acho que foi 73, não é?

DO: Inglaterra foi 68, foi 73.

LM: Se são cinco anos, não é?

DO: Foi em 73, 73. Foi o ano que o Lauro [de Souza Lima] morreu e o [Reynaldo] Quagliato morreu, e o Quagliato morreu... porque eu estou lembrando do Quagliato pelo seguinte: tinha vindo aqui e eu tinha convidado o chefe de um serviço de reabilitação de São Paulo, que eu não lembro agora de onde é que era, que eu tinha visitado o SESI, a reabilitação do SESI e visitei um outro centro e convidei o sujeito para vir aqui para me explicar como eu deveria montar um centro de reabilitação e ele fez uma palestra aí. O Arvelo não tinha chegado ainda e o Quagliato estava vindo aqui com o Estevão para avaliar um trabalho que nós estávamos fazendo às cegas lá com aquele fator de transferência de linfócito.

ML: Ah, sim, lembro dessa época.

DO: E nós estávamos fazendo isso tudo com medicamento... tudo mascarado, aquela coisa, e o Estevão de Almeida Neto e o Quagliato tinham revezado para fazer a avaliação dos pacientes, e eu me lembro que o Quagliato veio no dia, fazer essa avaliação no dia que teve essa palestra desse fulano. E acabou a palestra e tal, aí eu fui conversar com o Quagliato que era muito amigo meu, nós éramos muito amigos e aí eu fui almoçar com o Quagliato e com os outros no BAC que era um clube aí... onde jogou Pelé, tinha um restaurante que era bom. Aí nós estávamos lá e começou a chover e o Quagliato com aquela chuva no telhado de zinco...

LM: Um barulho, não é?

DO: Ele falou: “parece aplauso” (risos) Ele falou. E ele estava com uma perua do departamento e foi embora para... e foi embora para Campinas.

ML: Ah, não vai me dizer que foi o acidente. Foi acidente?

DO: E foi no dia, naquele dia ele morreu.

ML: Acidente de carro.

DO: Saindo daqui.

LM: Que coisa, professor!

ML: O Holmes [Campanelli Costa] ele morreu também nessa estrada?

DO: Morreu... Não, na outra estrada. O Holmes morreu na estrada de... o Holmes foi uma morte horrível, estúpida, eu não me conformo com aquilo. O Holmes morreu na Castelo Branco, mas o Dr. Quagliato morreu indo para Campinas, naquela estrada perto de Campinas.

ML: Você foi então a última pessoa assim a conversar com ele?

DO: Foi. Foi. E ele... o pior de tudo é que ele morreu também numa coisa besta pelo jeito, porque ele estava na frente, o motorista foi ultrapassar, como sempre, um carro, e bateu de frente com o carro que ele vinha. E o vidro da... do o quebra vento quebrou e *tchum* nele. É. Aí nós saímos daqui tudo correndo, o Oswaldo, eu de carro na lama só para o enterro, não é? Mas foi uma judiação porque foi morrer o Lauro, morreu o Lauro naquele ano, quando eu fui para o Congresso... Eu fui para o Congresso, o Lauro não foi. Porque o negócio era esse, o Lauro...

ML: O Lauro já tinha quantos anos? Já era bem velhinho quando morreu, não é?

DO: Não, não era tão... Ele era bem disposto, ele tinha... Eu acho que ele deve ter morrido com 70 anos.

ML: Ah, era muito novo!

LM: Morreu jovem.

DO: É, 70 e poucos anos no máximo. Ele era assim, ó... Eu lembro que o pessoal brincava com ele que ele ia ser... "Olha, agora você já é um sexagenário", quando nós trabalhávamos com terapêutica. (risos) Você vê que ele não era muito velho.

ML: É, era velho, sexagenário na época.

DO: Sexagenário sou eu agora.

ML: Pois é naquela época é que sexagenário era velho, agora, não.

DO: Então. (risos) Então... e tinha, e foi muito interessante, viu? E ele... O Lauro depois que acabou o Congresso em [19]63 ele praticamente ficou meio perdidão o Lauro. E nós continuamos a fazer as pesquisas terapêuticas, mas ele já não tinha mais aquela... o respaldo daquelas coisas...

ML: Sei.

DO: E ele estava aposentado.

ML: Mas ele não estava na OPAS?

DO: Não, já tinha saído da OPAS fazia tempo.

ML: Ah, tá.

DO: E ele estava aposentado, sozinho...

ML: O [Luiz Marino] Bechelli estava na...

DO: Estava na...

ML: Mas o Bechelli, é isso que eu ia falar, o Bechelli... porque a impressão que eu tenho é que... assim, eu vejo muita publicação do Bechelli, mas eu não peguei documentos, seja no Ministério da Saúde, ou seja assim em publicações, documento da Secretaria Estadual de Saúde que marque uma iniciativa da Organização Mundial de Saúde mais enérgica com relação ao controle da hanseníase no Brasil, como a gente teve do próprio [S. K.] Nordeen[8] mesmo, entendeu? Que não é só implantar o esquema, mas pressionar as autoridades para... eu ressinto isso do Bechelli. Quais foram as iniciativas do Bechelli para que o Brasil passasse a priorizar hanseníase na década de 60 e década de 70?

DO: Eu não lembro da participação que ele teve...

ML: Eu não consegui identificar, professor.

DO: Você vai conversar com ele ainda.

ML: É, mas é delicado perguntar isso a ele, mas eu vou dar um jeito de perguntar, porque eu não consegui identificar as iniciativas dele no Brasil. O Nordeen que é indiano, eu vejo uma pressão muito maior que no Bechelli, que era brasileiro.

DO: É, eu acho que por ser brasileiro, por ser brasileiro; eu acho que era isso, porque o pessoal também, acho que cobrava muito do Bechelli porque ele não dava muita bola pro Brasil, e naturalmente as pessoas também queriam os seus... queriam... como é?

LM: Os seus louros, não é?

DO: Aproveitar...

LM: É , hum, hum.

DO: Mas mesmo assim, ele talvez para não dar...

LM: Tenha exagerado talvez um pouco, não é?

---

[8] Responsável pelo Programa de Eliminação da Hanseníase, da Organização Mundial de Saúde.

DO: Não mostrar que estava sendo conivente com alguma coisa aqui, eu acho que talvez retraiu.

LM: Retraiu-se.

ML: Porque foi uma época de ostracismo. Foi aquela época... acho que é possível também que ele... A gente vai conversar com ele, que ele apoiasse a estadualização, porque aí o governo federal passava a bola da responsabilidade da hanseníase para o estado. Foi o período da estadualização, não é? Mas foi feito assim de um jeito totalmente...

DO: É.

ML: Eu não sei se até que ponto ele ter discordado também da mudança do nome...

DO: Ah, mudou muito!

ML: Fez com que ele não apoiasse o Ministério da Saúde.

DO: Ele não aceitou... Ele não aceitou.

ML: Porque a Portaria nº 165, ela colocava a mudança do nome. Então, talvez por ele não estar de acordo, eu não sei.

DO: É, não aceitou muito não.

ML: Inclusive o senhor sabe que o Rotberg não conseguiu falar nisso, ele começou a chorar, porque ele ficou... eles eram muitos amigos, e são amigos, não é? Mas eu acho que ele guardou um ressentimento do Bechelli, porque quando ele fez a tal da petição para a mudança do nome no Congresso, que foi esse o Congresso de 73, o Bechelli não apoiou ele, não é?

DO: É.

LM: E o Bechelli era da OMS, se o Bechelli tivesse apoiado era uma outra coisa, porque além de ser brasileiro ele era da OMS, não é? teria...

DO: É.

ML: E o senhor sabe dessa história? Porque ele não conseguiu contar, ele se emocionou e eu mudei de assunto.

DO: Não, mas foi isso que eu estou dizendo... Mas foi isso só.

ML: Eu sabia de outra fonte... aí eu não...

DO: Foi isso que aconteceu, foi isso que aconteceu. O... porque o... como é que se diz, o Bechelli eu acho que... Aconteceu isso, ele achou... ele achava que nem os ingleses achavam e ele também não quis se expor muito. Eu acho que foi isso.

ML: Ele também era brasileiro, não é?

DO: É, então realmente o Rotberg ficou na... mas agora... eu te contei, não é, que no aniversário do... eles estiveram juntos lá no nosso congresso de [Foz do] Iguaçu, não é, e no aniversário, o Bechelli foi lá no... Foi para São Paulo visitar o...

LM: No aniversário do Rotberg, de 90 anos?

DO: Foi.

ML: Mas eles ficaram afastados mesmo por conta disso.

DO: Teve uma época que ficaram assim...

LM: Estremecidos. (risos)

DO: Não se encontravam.

ML: E eles eram colegas de turma. Segundo o Rotberg só tem cinco vivos e dois deles são eles, não é?

LM: É, dois são eles dois.

ML: Da turma.

DO: Mas foi interessante isso aí. Você falou esse negócio da portaria do Ministério, mas eu estava falando da transformação nossa do hospital aqui.

ML: Que foi antes, não é ?

DO: Esse agora, e nós dividimos então o hospital em duas áreas. Naquela época eu tinha ido a Venezuela e eu... Ah, não isso foi depois e o fato dessas modificações que nós fizemos aqui, e eu falo das reuniões, foi convocado o Rotberg, trouxe o [Walter] Lezer para uma reunião aqui em Bauru, quando ele estava querendo esse negócio do nome e que nós já tínhamos feito essa mudança no hospital e dividido em áreas, e ele trouxe também o Paulo Almeida Machado.

ML: Hum, o ministro?

DO: O Paulo Almeida Machado ainda era funcionário do PL antigo.

LM: Ah, é?

ML: Ah, sim. Essa eu sei, é.

DO: E depois o Paulo foi trabalhar lá na Amazônia e depois lá ele foi... o Geisel, não é? parece que foi o Geisel que o nomeou ministro da saúde. O Paulo Almeida Machado tem uns lances muito interessantes e veio aqui nessa reunião, nós temos essa estrutura aqui...

ML: Ele era paulista?

DO: Era.

ML: Era, não é?

DO: E nós tínhamos. Até tem umas fotos todas dessa reunião aí. Estava o Rotberg, estava o Lezer e estava o... Então nós fizemos aqui uma reunião preparatória para essa reunião que foi feita no ministério.

ML: Ah!

DO: E dali, nessa... aqui é que foi marcada essa reunião para o Ministério.

ML: Da Portaria 165?

DO: Que aí então nós fomos lá... Eu até participei de uma... tem o livro dessa... Deve estar aí na biblioteca, dessa reunião e que eu fiquei com a parte, por exemplo, o meu grupo de trabalho era sobre hospitais e nós discutimos a transformação dos hospitais como nós fizemos aqui em Bauru.

ML: A portaria foi em 75, essa reunião foi em 75, ou em 74?

DO: Em 74, eu acho que foi. Foi um pouquinho antes. E foi feita aqui essa reunião.

ML: É, porque foi Geisel, Geisel.

DO: Então foi. Não foi o Geisel?

ML: No governo Geisel, é.

DO: Foi, porque ele é que trouxe o...

ML: É.

DO: E daí nessa coisa é que saiu o negócio da mudança de nome, aquelas coisas que o Paulo Almeida Machado também... Porque era tudo um grupo, não é? E a reunião foi feita aqui e depois nós fomos lá pra Brasília, para essa outra reunião em Brasília. Então essas foram as coisas daquela época. E tinha também... ah, bom, então vem a história da reabilitação que eu estava falando. Então nós tínhamos já aquele centro de reabilitação para inglês ver e tínhamos um de Educação Física. Depois nós tivemos aqui uma moça, Reni, que era uma fisioterapeuta da Holanda que chegou aqui e meteu o pau em tudo e tal, e no próprio Guimarães, coitado. E ele... e naquela época eu já tinha conseguido, que não tinha... por exemplo não existia por exemplo fisioterapeuta na relação de funcionários da saúde, não existia isso. Tinha terapeuta ocupacional, não tinha fisioterapeuta e foi na época que eu consegui trazer a Rose.

ML: Ah!

DO: Eu tinha uma fisioterapeuta, uma terapeuta ocupacional aqui, uma época, bem antes das Rose, que era professora em Campinas, e essa moça ficou aqui uns tempos até chegou a ir para Carville nos Estados Unidos e tal, e esteve aqui comigo. E ela me trouxe o material do Carville, na época, quando ela voltou. Depois ela ficou uns tempos aqui, não se acostumou muito e foi embora, mas ela era professora em Campinas. E a Rose e uma outra menina eram alunas dela, isso (incompreensível) aí, entendeu? Vieram para cá. Você conhece a Rose, não é?

ML: É, a Rose, muitos anos aqui, não é?

DO: É, a Rose era dessa época. E aí foi uma luta para nomear as meninas aqui, porque não tinha lugar, era... A Rose até hoje fica com raiva disso porque eu tive que nomeá-la como terapeuta ocupacional.

ML: Ah, tá.

DO: Ela não se conforma. Aí nós tínhamos a terapeuta ocupacional, tínhamos ortopedista... já estava começando a...

ML: E o fisiatra? O [José Antonio] Garbino entrou quando?

DO: O Garbino entrou depois, porque o Garbino estudava em Botucatu e veio fazer residência com o [José Carlos de Almeida] Pernambuco aqui em Reumatologia. Aí eu tinha convidado o Pernambuco para ficar tomando conta da reabilitação, porque eu não tinha tempo de ficar na reabilitação mais porque a reabilitação já estava crescendo. Aí o Pernambuco não quis ficar, aí o Garbino acabou ficando, trabalhando com a gente aqui, aí acabou pegando e aí fez o curso de Fisiatria e tomou conta, ficou.

ML: Professor e o [Raul Negrão] Fleury, ele tem discípulo aqui?

DO: O Fleury?

ML: Porque o Fleury é uma grande referência, mas ele precisa também...

DO: O Fleury patologista?

ML: É, ele está com (TI) aqui, já trabalhou...

DO: Raul foi assim, o Raul foi assim. O Raul era um patologista geral, é um patologista geral muito bom. E trabalhou com o Matosinho [França] lá na... ele trabalhou com a Euzenir [Nunes Sarno], a Euzenir foi cria do Raul lá no Servidor. A Euzenir...

ML: O Raul... Servidor aonde de São Paulo?

DO: Em São Paulo.

ML: A Euzenir foi residente?

DO: A Euzenir esteve lá, não residente, mas esteve frequentando o serviço do Matosinho, o Raul me conta isso daí porque ele conhece a Euzenir daquela época. O

Raul ficou muito tempo como cirurgião, ele foi fazer Patologia ficou um patologista muito bom...

ML: Patologista geral porque a Euzenir também era patologista geral.

DO: É, e é um patologista muito bom, trabalhou com Matosinho que era um serviço muito bom, mas cansou de São Paulo, quis ir embora para o interior.

ML: Aí veio para cá?

DO: Queria ir embora para o interior, parece que ia para Londrina e acabou passando por aqui, porque aqui tinha o Luis, Doutor Luis Martins que era o diretor da faculdade de Medicina daqui, e a de Odontologia daqui e que era amigo dele, e o Luis Martins era de Tietê, muito amigo meu também. Nós fazíamos reuniões aqui, os médicos aqui de Bauru, fazíamos reuniões assim periódicas, toda a semana a gente fazia discussão de caso. Era uma turma muito animada naquela época. E o Luis Martins convidou o Raul para vir a Bauru, porque aqui não tinha patologistas. E também queríamos um patologista. E nós também queríamos um patologista. E quando o Raul chegou, ele foi apresentado a nós, nos foi apresentado numa reunião dessas aí lá na APM, na associação médica, e o Raul foi meu colega, do tempo de colégio. Ele é a terceira, eu acho que é da quarta turma de Sorocaba e eu era da segunda.

ML: Aí vocês se encontraram?

DO: Aí eu encontrei com o Raul e falei,: "Ô, você está aí?" Aí fique sabendo que ele fazia Patologia, não sabia. Nunca mais tinha visto.Eu falei: "Eu já tenho os serviços de Patologia montado aqui."

ML: Faltava só o patologista. (risos) Faltava o patologista.

DO: Essa é outra história, a Patologia é outra história. Porque houve uma época em que nós começamos a... nós começamos a montar a Patologia aqui... Antes do Raul chegar. Então eu tinha o... Eu preparava as lâminas, corava e a gente levava para Botucatu, para Montenegro, ou seja, um laboratório. Depois começamos a fazer necropsia mesmo, começamos a fazer necropsia. Éramos nós que fazíamos, eu fiz muito necropsia. E tinha um outro médico que também fazia. E o material todo a gente guardava. Ficava ali no formol aquele negócio todo então aqueles casos eram... E quando o Raul chegou, e o Raul era patologista geral, eu convidei o Raul pra vir prá cá, claro. E como já estava com o serviço montado, quer dizer, montado, quer dizer, tinha o laboratório, tinha o processador de coisa... nós já tínhamos quebrado aquela coisa da necropsia, de fazer necropsia, aquele negócio. Então quando o Raul chegou, ele começou a botar... foi a época pré-histórica da Patologia, eu fiz. E aí o Raul veio para a época histórica da Patologia. Ele chegou em 70 e aí começaram, aqueles... o negócio muito bem feito, todo profissionalismo o Raul, e conseguimos contratar um rapaz para auxiliá-lo nas necropsias. Porque aí eles começaram a fazer necropsia mesmo regulares, essa coisa toda. Fazemos... começamos a fazer reuniões anatomoclínicas. Nós temos um material muito grande aí, todo encadernado.

ML: E tem estagiário? Como é que ele está, ele está com residente, é estagiário...

DO: Tem, tem. É que agora nós temos aqui... Ele tem... deixou...

ML: Ele já está com uma equipe, porque ele estava meio... Ele ficou sozinho um tempo, mas ele...

DO: Sim, mas agora ele tem bastante gente com ele. Ele tem vários patologistas hoje, tem três hoje.Um que vai entrar agora, aí nós começamos aumentar a parte de Patologia experimental também não é, e agora está construindo uma Patologia nova. Melhorou. E nós temos aqui uma residência em Dermatologia.

ML: É, eu sei. São seis vagas.

DO: Nós temos residência desde 76.

ML: É bom. Seis vagas é um número de vaga grande, não é? Seis vagas é um número...

DO: Ah, e o pessoal está indo bem. E as primeiras residências eram residências ligadas à Secretaria de Saúde, na época do [Walter] Lezer.

ML: O Augusto fez residência aqui?

DO: O Augusto fez. O Augusto fez, e o Augusto, o Cássio...

ML: Aquela menina lá de Roraima também?

DO: Quando... É de Roraima também. Então esse pessoal...

ML: Residência desde o Lezer, é?

DO: É, depois daí nós passamos... A residência da Secretaria de Saúde passou pra... terminou aquele tipo de residência e passou a se incorporar na residência do MEC, então a Fundap, que é a Fundação [do Desenvolvimento Administrativo] aqui de São Paulo, pagava as bolsas, e os nossos residentes, tinham que ter o aval do MEC. Então, passou a ser residência do MEC, não é? Uma residência normal, reconhecida pelo MEC e reconhecida pela associação...

ML: O que é Fundap? É Fundação?

DO: (pausa) Agora você me pegou. É da administração.

ML: Desenvolvimento...

DO: É, é. Eu não sei.

ML: ...pesquisa, não é?

DO: É de São Paulo. Eu não sei se é pesquisa, eu acho que é administração...

LM: De pessoal.

DO: Uma coisa mais ou menos assim... Eu posso te dar depois, e essa Fundap é uma fundação que realmente patrocina essas bolsas, dá bolsa, nós temos agora cursos de aprimoramento. Temos de Biologia, temos de Enfermagem, de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, entendeu?

ML: Tem convênio com várias... com várias faculdades de Medicina para trazer aluno aqui, não é?

DO: É, é. É pra trazer, mas assim, fixos aqui, que dormem aqui, digamos assim, nós temos dois anos de residência médica, são os residentes, nós temos dois.

ML: E tem locais para eles morarem? Tem alojamento para eles morarem ?

DO: É. E eles moram aí. E temos um pessoal que faz o curso de aprimoramento, que é um ano. Podendo ser renovado. Que é o de Biologia, esses que eu falei. Então...

ML: Tem muitos alunos, não é?

DO: Então... Isso começou desde essa época...Quer dizer, a gente tem essa...

ML: E esses cursos são pagos? O de aprimoramento é pago?

DO: Os residentes recebem.

ML: Não o residente recebe, mas o aprimoramento eles pagam?

DO: E o curso de aprimoramento... Não, eles recebem também.

ML: Ah, tem bolsa?

DO: Todos têm bolsa, é residência oficial.

ML: Eu não sabia não, porque a maioria dos locais o curso de especialização ou aprimoramento ele é pago, não é?

DO: Não, no aprimoramento eles recebem.

LM: Hum! Bom, não é?

ML: Mas é menos que uma residência, não é?

DO: É menos, é menos, mas já dá para quebrar um galho, porque...

LM: Dá para comer um sanduíche.

ML: E vocês têm também muitas teses de outros locais que vêem aqui para fazer aqui, usam material.

DO: Ah, tem. Não, o movimento aqui é muito grande. Quer dizer, normalmente, a gente fala esse número, mas às vezes aumenta, às vezes fica por aí. 1200 pessoas por ano, a

gente tem de fora, que vem de fora. E cursos, porque nós temos três cursos. Aliás, três tipos de curso por ano, são 11 cursos. Onde tem o de prevenção de incapacidade, de hanseníase em geral e tem a da reabilitação. Temos o curso do Raul de Dermatopatologia, temos o curso de Micologia e temos esses cursos... E a própria Residência, o programa de Residência Médica de Dermatologia e os Cursos de aprimoramento. Quer dizer, é um... É um grupo bastante grande, bastante grande.

LM: Hum, hum, com certeza que sim.

ML: Vocês têm recebido também alunos de outros estados...

DO: Sim.

ML: E de outros países, também, não é? África, de língua portuguesa...?

DO: Nós tivemos aí depois... por um tempo, agora parou, mas nós tivemos de Moçambique, Angola, Guiné Bissau.

LM: Ótimo.

DO: Do governo deles... um grupo. Esses cursos, às vezes aparece alguém de fora, vêm uns da América Latina e outros lugares aí. O pessoal da Argentina, do norte da Argentina onde tem um pouco de hanseníase vem de vez em quando. A Silvia que é uma argentina, vem sempre aí.

ML: Opromolla, então eu acho que você falou bastante da sua vida profissional e tudo que a gente nem... O Opromolla ele se confunde tanto com o trabalho com hanseníase que a gente nem falou de... de outros aspectos da vida profissional dele, por exemplo, ele faz Dermatologia, ele sempre, com toda essa dedicação para hanseníase, mas ele sempre trabalhou com Dermatologia. Agora recentemente ele fez um trabalho que tem, a gente até viu um pôster ali afixado lobomicose, terapêutica de lobomicose...

DO: É.

ML: Tem... mantém... você mantém a sua clínica particular até hoje, não é, e a sua vida pessoal também, você faz? Tem algum *hobby* além da Medicina? Você tem quantos filhos mesmo?

DO: Eu tenho dois casais.

ML: Dois casais. Dois casais? São quatro? Então... podia fala um...

DO: Tenho duas netas.

ML: Já tem duas netas. Fala um pouquinho dessas suas...

DO: Uma neta, uma neta está no terceiro ano da Faculdade de São Francisco.

LM: Nossa! Já tem...

ML: Em Medicina?

DO: Não, na Faculdade de Direito de São Francisco, em São Paulo.

ML: Ah, tá.

DO: Lá da USP. E tenho uma outra neta que está no cursinho fazendo Medicina... para fazer Medicina.

ML: Porque não teve nem um filho que quis fazer Medicina, não é?

DO: Não. Tem um filho que fez... dentista, era Odontologia, a Paula fez Biologia. A Paula chegou a entrar na Medicina em Brasília, depois casou e... Ele foi transferido para Mato Grosso, não conseguiu, e depois também não se interessou muito, acabou perdendo o curso. Ela fez seis meses só e parou, depois fez Biologia. Marcelo fez Odontologia, a Silvana está fazendo Direito agora e fez Secretaria bilíngue, é outra filha e tem o meu filho, o outro filho, Márcio, que é advogado que se formou lá na USP, também lá em São Paulo.

ML: E agora você tem uma neta.

DO: Mas casado, tem esse casado, eu tenho esse casado, o Marcelo é casado, mas não tem filhos. O Márcio é solteiro, Silvana é solteira, Paula tem as duas meninas. Então, é mais ou menos isso. E, *hobby* assim...quer dizer, eu sempre...

ML: O Fleury eu sei que gosta de pescar.

DO: Hein?

ML: O Fleury eu sei que gosta de pescar.

DO: Eu nunca vi o sujeito pescar muito. Gostar eu também gosto (risos), mas fui uma vez só, mas, eu... Eu sempre gostei muito de esporte, mas chegou uma época aí eu fiquei meio doente e tive que parar.

ML: E, você fumava! Parou de fumar felizmente, não é?

DO: É. Foi na época que eu parei de fumar, aí eu parei. Não fiz mais esporte como eu fazia.

ML: Você fazia o quê?

DO: Fazia... nadava, jogava basquete, gostava dessas coisas, mas eu parei e é isso aí. Quer dizer, eu me formei... Eu já fiz o doutoramento naquela época não tinha residência, eu já fiz o doutoramento aqui na Odontologia. A minha defesa de tese foi na Odonto, foi sobre terapêutica. Na banca está o [Humberto] Cerruti, está o Raimundo Martins de Castro, está o Luis Martins, era esse pessoal. E eu não sabia... que foi um grande erro que eu fiz naquela época, que o Lauro podia ter sido o meu... participar da minha banca.

LM: Puxa vida, que pena!

DO: E eu não sabia que ele podia, porque eu não sabia que naquela época dele eu não sabia que ele já tinha tese já defendida. E eu então não cheguei convidá-lo por esse motivo. Um pouco também porque eu não queria que ele me protegesse, mas eu acho que poderia ter sido...

ML: Teria sido ruim.

DO: Não teria sido ruim.

ML: Essa... O nome Lauro de Souza Lima foi você certamente, foi idéia sua.

DO: Fomos nós aqui. Quem teve a iniciativa basicamente mesmo foi o Oswaldo.

ML: O Oswaldo, não é? O Oswaldo era mais velho que você, era, não é?

DO: O Oswaldo era, era mais velho. É uma pena porque o Oswaldo era um cara muito dedicado, Oswaldo... depois que o Oswaldo... o Oswaldo era um sujeito assim meio secão, seco, mas ele era uma pessoa boa. E ele, ele foi diretor aqui, como eu disse, ele foi preparado pelo Pernambuco, fez o curso de Administração e começou a tomar conta aí do hospital, fez uma boa administração. E os pacientes respeitavam, e por que respeitavam? Respeitavam porque quando o Oswaldo era só médico aqui. O Oswaldo... Era eu e o Oswaldo, quer dizer, nós íamos no carrinho do Oswaldo para a cidade, no consultório. Ele trabalhava no SESI e eu ia pra o meu consultório. Aí ele... Nós morávamos na casa de hóspede, aí. Lá embaixo, no quarto dele, ele gostava de ópera, punha a ópera e eu ficava do outro lado.

Fita 3 – Lado A

LM: Fita número três.

DO: E ele... O Oswaldo ele se ensinava os... Você imagina naquela época, aquelas enfermarias velhas, à noite, ele dando aula para os doentes, de Enfermagem. (risos) porque nós não tínhamos enfermeiro.

ML: Os doentes é que eram os enfermeiros, mas não tinha enfermeiro, porque também os enfermeiros se recusavam a tratar dos pacientes?

DO: Ninguém queria vir aqui.

ML: É.

DO: Naquela época, ninguém vinha aqui.

ML: Você tinha que treinar pacientes um pouco melhores até para...

DO: Então era tratar... era a mesma coisa era, tem tipo o padre Damião lá que fazia. Quer dizer, e o Oswaldo treinou muita gente. Então ele vinha aí. Ele fazia reuniões com

pessoal, e ensinava os pacientes, os doentes a aplicar injeção. Fazia uma porção de coisa, foi muito, muito legal.

ML: Opromolla você não chegou a pegar... você já entrou logo depois da sulfona e tudo. E você não chegou a pegar aquela fase de deterioração das pessoas sem você poder fazer muita coisa, não é?

DO: Ah, não. Quer dizer, claro, eu peguei uma época muito difícil também.

ML: Consequências, e tudo.

DO: Os problemas, aquelas reações que você não conseguia controlar. Quer dizer, muita gente com aquelas reações que você não conseguia controlar. Muita gente com aquelas reações necrotisantes, tinha muito paciente avançado...

ML: Você começou a usar talidomida logo no início, não é?

DO: Foi, foi. A história da talidomida foi assim... o professor... Foi uma coisa interessante, eu tinha feito um trabalho sobre a sulfadoxina no tratamento da hanseníase. E esse trabalho parece que o Cid Ferreira Lopes que trabalhava lá em Minas, participou e o doutor, o professor Sampaio levou esse trabalho para apresentação lá no Congresso de Nápoles, de Dermatologia que foi em Nápoles, em 65. E lá ele viu a comunicação do [J.] Sheskin...

ML: Ah, do Sheskin...

DO: Sobre o efeito da talidomida e ele veio para São Paulo; a primeira coisa que ele fez foi ir atrás da talidomida que estava presa nos laboratórios aí, principalmente no laboratório LAFE que estava com a parte que não podia usar, porque estava proibido o uso. E ele deu para o Lauro um pouco dessa talidomida e deu outra talidomida pra o Proença. E eu fiz o tratamento com a talidomida aqui naquela mesma época, comecei a... fiz a talidomida, pus dois grupos de pacientes tomando a talidomida. Um grupo tomando talidomida e outro grupo tomando doriden que era um comprimido para dor, que era uma glutarimida, também que nem a talidomida. Então, eu não sabia quem estava tomando a talidomida e quem estava tomando o doriden.

ML: O doriden também tinha um efeito teratogênico?

DO: Não, não tinha efeito teratogênico, mas era remédio que dava para dor, o doriden, mas era uma glutarimida, era parente da talidomida, mas não tinha ação... E os resultados foram tão bons. Eu fiquei com medo de dar a talidomida na dose que o Sheskin deu, a cada seis horas. Então eu dei 100 mg por dia só.

ML: E foi bom que você viu que uma dose baixa podia...

DO: Espetacular. Os resultados foram muito bons. Eu documentei isso e os resultados foram muito bons, quer dizer, os doentes melhoraram rapidamente, aí foi uma... Era tão nítida a melhora que não tinha... não precisava nem fazer comparação, você entendeu? porque não tinha remédio que resolvesse. Tanto é que quando apresentei isso numa

reunião, eu acho que foi em Minas ou no Rio, que estava o pai do Antônio Carlos... O Antônio Carlos Pereira, pai...

ML: O Junior.

DO: É, não o Junior.

ML: É o filho.

DO: Não, o...

ML: É, o pai chamava filho também.

DO: Era filho também.

ML: É porque o Antonio Carlos... o filho é Junior e outro era filho...

LM: E o pai era filho.

DO: É, o Antonio Carlos Pereira falou, porque eu falei que tinha dado 100% de resultados, e tinha tido 100% de bons resultados. Publiquei naquela revista, *O Hospital*. E ele falou: "Não existe esse negócio. Nada é 100%." Mas os resultados foram tão bons, que não tinha conversa. E foram 100% mesmo.

ML: Foi o primeiro trabalho no Brasil?

DO: Não, aí que está. Eu não sei.

ML: Porque o Osmar Mattos até nos contou que o uso da talidomida pra...

DO: O prurigo nodular de Hyde foi...

ML: Foi por acaso, é.

DO: Junto com o Amado Saul, no México. Eu não sei quem foi o primeiro, hein. Eles falam, mas eu não sei quem é que foi.

ML: Mas assim esse do seu talidomida foi o primeiro no Brasil ?

DO: Eu não lembro. Eu fiz, eu não lembro se foi o primeiro.

ML: Talvez publicado seja não é, porque está publicado.

DO: Eu acho que sim. Agora, eu acho que também tem uma coisa interessante, que... Esse negócio é gozado, você vê, eu não lembro até hoje, eu não sei porque que aconteceu até hoje isso. Nós fomos apresentar isto numa reunião da sociedade, da Associação Médica Brasileira, da... Como é...

ML: Na ABH, Associação de...

DO: Não, não é de hanseníase, lá de... lá em São Paulo, é da Associação Médica Brasileira.

ML: ABH.

DO: A nossa, Brasileira de Medicina.

ML: ABM, Associação Brasileira de Medicina.

DO: É. Não, mas eu estou dizendo, mas a geral, não a de especialidade, não tinha SBD, não tinha isso.

ML: Sim, a geral.

DO: E nós fomos apresentar. O Proença apresentou os resultados dele e eu apresentei os resultados os meus resultados.

ML: O Proença tratou também hanseníase?

DO: Então... isso que eu falei para você.

ML: O Proença.

DO: O Proença foi, o Proença trabalhou no Padre Bento.

ML: Ah, tá.

DO: E quando o professor Sampaio veio...

ML: Ah, tá.

DO: Ele deu um pouco de remédio para o Proença e deu um pouco do remédio para o Lauro. E o Lauro deu para eu experimentar, entendeu? E aí foi aí, e aí nós apresentamos os resultados na mesma sessão. E o Proença de vez em quando refere esse negócio, essa sessão. E eu lembro que eu fui nessa sessão e que eu apresentei o meu e ele apresentou o dele.

ML: Com resultados similares?

DO: Com resultados similares. Acontece que ele fala que eles apresentaram isso, e não fala de mim.

ML: Primeiro... É, porque...

DO: Não, mas sabe o que é? Eu fui ver...

ML: Lembra que eles falaram lá que o Padre Bento foi o primeiro a...

LM: Hum, hum, lembro.

DO: É, e eu fui ver o livro, foi ver depois a revistas da Associação... nós temos encadernada aqui.

ML: Ah, é? a da Associação?

DO: É. Eu fui ver nessa sessão, não estava a minha apresentação.

LM: Olha! Que coisa! (risos)

ML: Mas você publicou no *O Hospital* quando? E a data da apresentação?

DO: Não, n' *O Hospital* sim, *O Hospital* é outra revista.

LM: É.

ML: Então?

DO: Tá, mas isso não tem importância, eu só estou dizendo que é gozado.

LM: É.

DO: Porque eu... foi... na mesma sessão nós apresentamos, os dois o mesmo resultado...

ML: É só tem um.

LM: E só um tem publicado.

DO: E só tem um publicado, não é publicado, é...

LM: Não, é referido.

ML: É, referido, tipo anais.

DO: Reuniões ordinárias, estava lá. Nelson Coelho, eu mesmo não saí. Então não pude...

ML: Ainda bem que você publicou na *O Hospital*.

LM: É.

DO: É, eu sei, estou dizendo, mas não posso nem achar ruim porque...

ML: Porque não foi publicado. (risos)

DO: Você pode acreditar...

LM: É.

DO: Mas foi isso aí que aconteceu. Vocês querem parar um pouco, não?

ML: Não, você...

LM: Você que manda.

DO: Já são quase sete horas já.

ML: Você que manda, você tem horário, não é? Então é assim...

DO: Puxa! eu nem senti.

LM: É, você viu como é rápido.

ML: É, passa, passa, porque você está falando da sua vida, de coisa que você fez por opção, e...

LM: Com prazer e com amor.

DO: Puxa! Barbaridade! (risos)

ML: É. (risos) São três fitas.

LM: É.

ML: São três fitas.

DO: Bom.

ML: E aí, e o futuro? O futuro... Eu achei ótimo te encontrar e te ver assim com esse ânimo, fazendo esse museu. É fantástico!

LM: Com o maior gás ainda, não é? Com a maior disposição.

ML: Tem uns momentos na vida que a gente... eu nesse momento estou valorizando muito a História e estou assim achando fantástico você está podendo fazer isso. Parabéns.

DO: Que bom, que bom! Mas é isso aí.

ML: E deixar isso aí para o futuro, não é?

DO: Não, mas é isso mesmo.

ML: Essa (TI) histórica é muito boa, não é?

DO: (pigarro) Tem muita coisa. Eu gostaria que vocês conhecessem aí, é que a Iraci não está aí, não é? Tem um material na biblioteca...

ML: Não, hoje de manhã nós vimos alguns...

DO: Vocês conseguiram ver?

LM: Nós vimos...

ML: ...livros e...

DO: Não, o que está sendo feito aí da digitalização das fotos?

LM: Não, isso nós não vimos.

ML: Ah, isso nós não vimos porque a Iraci de manhã não estava, de manhã nós vimos as obras raras...

DO: Todas as fotos... Mas essa moça que estava aí podia mostrar pra vocês... (tosse)

LM: É.

ML: É, as obras raras, não é?

DO: (tosse) Tem um material bom aí.

ML: Realmente foi pouco tempo.

LM: É, que teria que ver...

ML: Porque... o ideal é que ficasse mais um dia...

LM: É.

ML: Mas a gente tem dificuldade de sair dos nossos trabalhos, não é?

DO: Não, é difícil. Eu sei como que é.

LM: É, tem toda uma rotina lá também.

DO: É, por isso que eu cheguei mais cedo.

LM: É.

DO: Porque eu falei... Se eu fosse chegar muito tarde não ia dar tempo.

LM: É, não ia dar tempo.

ML: Foi muito produtiva essa viagem, não é?

LM: Foi.

ML: Porque nós fizemos [Abraão] Rotberg, Fuad [Abílio Abdala], esse outro paciente, fomos ao Padre Bento, fomos a esse pensionato, viemos aqui, vamos ao Bechelli...

LM: O Bechelli é amanhã.

DO: Ah, o Bechelli vai ser muito interessante... Ele é...

ML: Todos vocês são interessantes, não é? Eu acho que tem...

DO: É uma história muito rica. Bechelli foi...(TI)

LM: Com certeza.

ML: Agora, atuante assim é você, não é? (risos)

LM: É, que ainda está na ativa.

DO: Ah, mas aí...

ML: É incrível, não é? Está no mesmo...

DO: Eu sou mais novo, não é?

ML: É, mais novo, mas é incrível que está no mesmo trabalho, no mesmo... não fez mudanças... Isso eu acho fantástico!

LM: É isso foi incrível, não é? Está no primeiro emprego.

ML: Isso é muito raro, não é? isso é muito raro.

LM: É, ainda mais em se tratando de médico.

ML: É.

LM:...onde a rotatividade é tão grande.

DO: Agora tem uma coisa aí, só pra fechar, você vai ver que gozado, como é que são as coisas. Eu... eu não... eu não gosto do consultório, eu não consegui... quer dizer, eu poderia ter feito assim ou ficava na clínica e tentar fazer... eu queria fazer as duas coisas, a clínica e... Mas acontece que eu pelo fato de eu estar muito envolvido aqui e com negócio de viajar, muita coisa, a clínica também não ficou assim. Porque eu trabalho com Ivan e com o Cláudio, agora tem uns filhos aqui deles que já são médicos e dermatologistas também. Então eles... quer dizer, nós conseguimos montar uma clínica boa, durante todo esse tempo. Nós já estamos... Nós começamos, eles eram alunos aqui, depois eles vieram trabalhar comigo e hoje nós estamos com mais de 100 mil e tantos pacientes, não é, fizemos uns 100 mil faz pouco tempo, mas eu nunca, nunca consegui me afiliar com a clínica. Não gosto muito... E como mudou muito agora.

ML: Mudou muito, porque é cosmético! É tecnologia...

DO: Esse negócio de... Não, essa parte de coisa...

LM: Estética ?

DO: Já os pacientes agora socializados são terríveis. Aquelas listas...

ML: É *laser*...

DO: Não, não é por causa do *laser*, e nem por causa da cosmética. É o tipo do paciente... Hoje o paciente, como ele tem direitos, assim, então eles vão com lista, vão com coisa boba para perguntar se aquele negócio, se é mesmo...

ML: É, a listas de perguntas.

LM: Ah! (risos)

DO: Então, eu... Eu não gostei, eu estou... Como eu não gostava, eu falei assim, "eu vou dar um jeito nisso", Então eu... você vê que absurdo, só para terminar. Em 95 eu falei assim, porque eu ia fazer... Quando nós fizemos o instituto conseguimos o instituto, porque esse instituto tem duas fases rapidamente. Ele... na época do Lezer ele estava quase para sair. Nós conseguimos quase que ele saísse, mas houve uma reforma tão drástica que o Lezer quis fazer, que quando entrou o Adib Jatene, o Adib Jatene teve que cancelar aquilo, ele estava muito pressionado.

LM: Nossa!

DO: Aí nós caímos juntos, porque perdemos o Instituto. Agora, quando chegou no final da década de 80 nós começamos a insistir outra vez para o instituto sair. Aí eu conversei com o professor Sampaio, conversei com o Proença, com o Raimundo, tudo para não criar nenhum problema da gente ter a pretensão de fazer o Instituto de Dermatologia, não é? Então a gente... Nós começamos a trabalhar para o instituto. E foi indo, foi indo, foi indo, tal, tal. Conseguiu sair o Instituto. Aí precisava de cargos de pesquisadores. Aí corremos atrás dos cargos de pesquisadores. Da CPRD, que é Comissão de Regime de Tempo Integral. No fim aprovou 30 cargos de pesquisadores para o Lauro [de Souza Lima].

ML: Que bom, não é ?

DO: Nós então não quisemos nomear todo mundo. Levou mais um outro tempo para a assembléia promulgar isso aí, para o governador autorizar.

LM: Nossa.

DO: Aí mandaram abrir concurso, mas eu não quis abrir concurso para os 30 cargos. Eu já tinha alguns caras que eu queria que ficassem aqui. Holmes, Ester, toda aquela turma que foram formados aqui, talvez uns 10 ou 11 pesquisadores. Bom, na época eu não quis prestar concurso, porque eu achei que não estava na minha hora de prestar concurso, porque senão ia ficar muito... Eu queria que o pessoal... encher o pessoal primeiro. E, o... E aí eu depois disso... aí tinha que amadurecer o pessoal da pesquisa aquele negócio todo. Depois não consegui mais nomear, abrir mais concurso para pesquisador, porque fechou tudo no estado. Aí eu falei: "Ó, você quer saber de uma coisa, eu vou fazer eu, vou pedir o meu concurso. Eu vou querer abrir o meu concurso. Aí em [19]95 eu pedi para abrir concurso para mim, pedi um concurso para mim. O

processo ficou, ficou, perderam o processo...

ML: (risos).

DO: Eu fui atrás do processo... Aí depois de... todos esses anos eu fui atrás desse negócio. Esperando que me dessem a chance de fazer o concurso. Aí conseguiram achar o processo e me deram a chance... Com política, pedindo para esse, aquele. Aí fizeram o concurso. No ano passado eu me apresentei... eu fui aprovado e tal, aquela história toda, até hoje eu não fui nomeado. Então, eu sou pesquisador VI no estado, no estado hoje...

ML: O senhor é pesquisador chefe...

DO: Não, sou pesquisador, sou diretor do serviço de pesquisa aqui e sou pesquisador por concurso, mas não estou oficializado. Até agora... Que dizer o governo não assinou.

ML: O [José da Rocha] Carvalheiro certamente está tentando...

DO: O Carvalheiro, eu já pedi para o Carvalheiro 500 milhões vezes, ele diz que está pedindo que já falou, que não sei o que lá, até agora. 8, 7, 8 anos, não é? atrás de um negócio desse. Então, depois de todo esse negócio, de eu não sair do emprego, do mesmo emprego, eu sou tratado dessa forma. (risos)

ML: É, o serviço público não é fácil.

LM: É um absurdo, que loucura! É muita burocracia, não é professor?

ML: E olha que São Paulo ainda é, se você comparar, por exemplo, São Paulo com o Rio [de Janeiro] a diferença é enorme.

DO: E olha está na boca assim, deve estar lá... E eu não consegui até agora porque a minha idéia era essa, eu me aposentando... Eu entrando como pesquisador, quer dizer, eu mudo tudo o meu escritório.

LM: Claro.

DO: Aí eu vendo a minha parte do consultório e o vou ficava só fazendo o que eu gosto.

ML: Hum, hum. Briga por isso Opromolla.

DO: O que eu vou fazer! (risos)

LM: É, pois é.

DO: Mas é isso aí. Tudo bem?

LM: É isso. Está ótimo.

DO: Satisfeitas?

ML Tudo bem. A gente agradece muito a sua disponibilidade e...

LM: Agradecemos muito a sua amabilidade, não é? De falar com a gente, de dar esse depoimento.

DO: Foi um prazer.

ML: E daqui a cem anos tem alguém ouvindo o nosso papo. (risos)

DO: É, vamos ver, vamos entrar lá para vocês verem como que é negócio, mas eu acho que é interessante.

LM: Obrigada, professor.

DO: Para alguma coisa deve servir porque isso... Alguma coisa contribui, não é?

ML: Vão pensar em formar...

LM: Ah, lógico.

DO: Porque você veja uma coisa, essa história que eu falei dessa reunião, uma das coisas que eu mais reputo muito importante, a primeira reunião que foi aqui, que foi aqui que nós juntamos todas as entidades internacionais aqui...

ML: E depois eu acabei fazendo em Brasília.

DO: Para fazer a... para poder, porque era a casa da sogra...

ML: Depois eu fiz em 1986, uma reunião definitiva.

DO: Era casa da sogra, os caras faziam o que queriam aqui. Foi depois dessa reunião que as coisas começaram a se organizar e aí...

LM: E era... Aquela, aquela reunião...

DO: Aí as entidades internacionais começaram a se enquadrar no Ministério.

ML: É, pois é, mas aí só foi conseguir o enquadramento mesmo comigo em 86, mas por quê? Primeiro, por que eu era sensível a isso? Primeiro eu vim aqui a essa reunião em 83, porque eu não entendia, quando eu assumi o programa de controle do Rio de Janeiro, eu não entendia como é que podia operar essas ONGs no Brasil com essa liberdade assim, não é? Porque a Secretaria de Saúde nem sabia que estava começando um programa Curupaiti, fazendo poliquimio, quando o Ministério da Saúde, o Aguinaldo [Gonçalves] me dizia que não era para começar, então eu fiquei tão confusa, que eu vim por minha conta nessa reunião. Eu lembro que eu fiquei completamente perdida quando cheguei aqui, não entendia nada. Foi muito boa essa reunião para eu me interar do assunto, começar a caminhar. Quando dois anos depois eu estava em Brasília aí eu coloquei essa questão, não é? E também porque, para implantar a poliquimio, já que eles queriam tanto, eles tinham que investir dinheiro e dinheiro do programa oficial do Ministério da Saúde. Aí eu pedi uma reunião, mas aí eu pedi uma reunião. Aí foi a iniciativa do Ministério da Saúde, Itamaraty... Você lembra da reunião, que foi uma

reunião difícil e coisa e tal. Mas foi uma reunião que saiu assim a primeira Norma de atuação das ONGs no Brasil nos estados, de acordo... era um convênio tripartite. Ministério da Saúde, estado e a ONG. Então esse foi o primeiro documento oficial, não é? Porque antes... mas o centro de... o Lauro de Souza Lima fez, teve essa preocupação...

DO: O embrião foi aqui.

ML: É, foi o embrião e eu me sensibilizei. Outra coisa que o Opromolla não falou e estou lembrando, preciso recuperar isso, é que foi através... Bauru como tinha a primeira cirurgia de reabilitação, começou a receber...

DO: Ah, sim, é.

ML: Paciente de todo Brasil, não é?

DO: É.

ML: E os pacientes vinham... Com esse é um processo demorado, o paciente vinha, às vezes estava com osteomielite, não estava com indicação, e tinha que ficar. E tinha que fazer fisioterapia, então tinha que ficar um período grande aqui no hospital. Antes e depois da cirurgia. Então o cara acabava morando aqui um ano, não é, quase dois anos. E ele hospedou o Bacurau, que foi o doente do Acre, que foi o fundador do MORHAN...

LM: Do MORHAN.

DO: É.

ML: Do Movimento de Reintegração Social do Paciente de Hanseníase.

DO: O Bacurau esteve várias vezes.

ML: É, e o Bacurau, a vinda do Bacurau aqui, e aí você vai ter que falar, porque eu não vou saber falar, que aí encontrou o Thomas [Frist], que era um americano sociólogo que estava aqui, acho pela American Leprosy Mission, conta isso aí como foi, porque o Thomas foi uma pessoa que estimulou o Bacurau a fazer esse movimento.

DO: Não, não foi bem assim.

ML: Como é isso ?

DO: Não foi bem assim.

ML: É, então esclarece...

DO: É... eu estou preocupado porque vocês têm que...

ML: Não, eu não tenho horário.

DO: Vocês não vão comer?

ML: Não. Não tem a menor importância, a gente almoçou muito.

LM: Não! A gente não está preocupada com isso não, professor.

ML: Você é que eu estou preocupada com o seu horário.

DO: Eu tenho um compromisso, mas ainda dá prá falar, é em São Paulo.

ML: Tá.

DO: Mas eu estou preocupado com vocês, como é que vocês vão fazer?

ML: Não, não. Não, a gente está ótima, não se preocupe.

LM: Não, a gente se vira depois, não se preocupe.

DO: Vocês não vão jantar aqui? Não está marcado para jantar aqui?

ML: Não sei, mas não tem importância. (risos)

LM: Não, não tem problema. (risos)

ML: E, vai, pode deixar lá.

LM: É, a gente dá um jeito depois.

DO: A gente precisava perguntar aí, vamos ver se...

(INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO)

DO: O negócio do Thomas, a história do Thomas eu vou dizer...

ML: E o MORHAN.

DO: Mas eu acho que precisa comentar a história do Thomas, eu acho.

ML: Tá.

DO: A história do Thomas foi assim: o Thomas veio para fazer um... Ele estava na Tanzânia e veio para cá para fazer... Também queria fazer um trabalho aqui, Sociologia. E uma das coisas que ele queria ver era se as pessoas aqui aceitavam os pacientes no emprego. Bom, ele veio para cá para fazer um trabalho e ele ia pra Minas, mas como tinha uma parada dele aqui para conhecer, não sei o que, não sei o que lá, aí nós começamos a conversar com o Thomas e tal... E no fim ele ficou aqui e ficou (risos) fazendo o trabalho dele aqui.

LM: Não foi pra Minas coisa nenhuma.

DO: Não foi pra Minas não. Ele ficou aqui. Ele ficou 12 anos aqui.

LM: Nossa!

ML: É. Talvez até volte, porque...

DO: Chegou e comprou... Tem um sítio ainda aí...

ML: Ele tem um sítio aqui... Talvez volte a morar aqui.

DO: É, ele todo ano vem, porque ele adotou uma criança brasileira.

LM: Olha.

DO: Eles têm um filho deles e tem uma criança brasileira. Então ele é obrigado a vir todo... cada seis meses aqui, ou cada ano, não sei. E aí ele começou, trabalhou muito. O Thomas é um cara muito sério, sempre trabalhou bastante bem, e na época... E ele era um grande... Quer dizer, ele se entregou de corpo e alma aos trabalhos dos pacientes. Inclusive a reabilitação, a SORRI foi fundada...

ML: Tem um livro dele, ele tem um livro.

DO: À custa de muito esforço que era justamente o fato de fazer os... Não estigmatizar os pacientes e fazer os pacientes... Vamos dizer assim fazer um centro de reabilitação para os incapacitados. E que os pacientes estivessem juntos. Aliás, saiu um negócio no *Leprosy Review*, que lá em Bombaim eles fizeram uma coisa dessas agora e como se fosse uma coisa nova. E em 70 e tantos...

LM: Ele já estava fazendo isso aqui.

DO: Então ele veio para cá em 73, 74, por aí. O Thomas. E aí ele veio... começou... Não falava nem direito o português. E aos poucos ele foi se adaptando e aí começou a se entrosar em todos os serviços, inclusive foi o Thomas em um Congresso de hanseníase lá no Rio.

ML: Ele que levantou.

DO: Que levantou pra dizer que o doente tinha que participar do Congresso.

ML: É, eu estava sentada do lado dele, que o Azulay foi contra.

DO: O Azulay quase morreu de raiva.

LM: Olha.

ML: O Azulay foi contra e aí teve uma votação.

LM: É.

ML: E eu me lembro que a votação era ficar em pé ou sentar, e eu estava do lado do Thomas e eu lembro que eu levantei junto com ele, mas nós perdemos. Nós perdemos.

DO: É, eu lembro.

ML: Nós perdemos.

DO: Mas foi um Congresso muito interessante esse Congresso, mas de qualquer forma, dali para dentro, o Thomas lutou muito para esse negócio. Inclusive levava os pacientes para Brasília, porque muita coisa de reabilitação hoje no país, foram coisas de iniciativa dele.

LM: Sim.

ML: De reabilitação geral, inclusive, não é? Ele trabalhou pela reabilitação geral mesmo.

DO: Geral, levava os pacientes... Todos os deficientes.

ML: Movimento de deficiente, que a SORRI ela não vê só... Ela vê deficiência geral.

LM: Certo. Não só de hanseníase?

DO: Então ele levava os pacientes de hanseníase junto com os outros incapacitados para coisa desse tipo. Agora, aqui, o Bacurau era um sujeito já muito deformado, um rapaz muito inteligente, muito boa gente e que vinha aqui. Esse Bacurau era do Acre e vinha pra cá para fazer esse negócio de reabilitação, muita coisa de perna...

ML: Ele passou a andar depois daqui, ele não andava.

DO: É, ele não andava... Muita coisa de recuperação ele conseguiu aqui com a Ortopedia, com todo o pessoal da equipe aqui. Ele via o pessoal trabalhar aqui. Quer dizer, claro, ele tinha interesse com o Thomas, tinha interesse com a gente, que ele era muito meu amigo, todo o grupo da reabilitação, todo mundo queria bem ao Bacurau. Nós fizemos até umas reuniões assim que ele participou, inclusive de um teatro, entende? Fazendo aquelas coisas assim de reabilitação para motivar as pessoas, para fazer, evitar o preconceito, aquela coisa toda. E um dia o Bacurau, foi iniciativa do Bacurau, não foi do Thomas.

ML: Não, o Thomas apoiou, foi isso, ele falava...

DO: Não, o Thomas apoiou, todos nós apoiamos inclusive na época. E aí o Bacurau resolveu junto com... conversando com os pacientes a montar um negócio e fez uma carta de intenções para montar o MORHAN, o movimento. Até eu lembro que eu falei para ele: “Olha, você toma cuidado, porque enquanto você estiver tomando conta, tudo bem, eu acho que vai bem. Mas se esse negócio cair na mão de alguém aí que vai fazer política o negócio vai ser fogo”. Eu ainda alertei, eu lembro muito bem de falar isso. Ele sabia disso. Bom, ele... Então aí foi toda aquela trajetória, quer dizer,... Agora o Thomas apoiou, claro apoiava aquele negócio, como nós aqui no hospital também apoiamos com

essa ressalva apenas, não é? De que ele precisava tomar cuidado. Tanto é que os lucros do MORHAN, nunca foram muito iguais em todos os lugares.

ML: É.

DO: Quer dizer, os caras começavam a falar: “E os doentes...” “Mas que doente? Você não é mais doente. Você já curou, vá dizer que é doente agora?”

ML: É, é. E tem...

DO: Então começava aquela história, muita gente se aproveitou do movimento.

LM: Certo.

DO: E não sabia que ia aproveitar.

LM: Eu imagino.

DO: E aproveitou mesmo.

LM: E aproveita mesmo, não é?

ML: E aproveita até hoje.

DO: E aproveita, não é? porque (TI) louco.

ML: Virou emprego.

DO: E vira emprego mesmo. E muita coisa sai disso, fizeram negócio de caixa beneficente. Dê um pouco de chance que os caras aproveitam, mas então esse negócio do Thomas tem essa coisa muito interessante que aconteceu. Ele fez um trabalho muito bom, essa negócio da SORRI, estendeu a SORRI para SORRI São Paulo, SORRI Brasil. Apareceram vários núcleos...

ML: Foi criada aqui em Bauru.

DO: Apareceram vários núcleos...

ML: Ainda existe aqui um núcleo?

DO: Tem, oh, a SORRI é bem ativa até. Mas não tem muita gente de hanseníase não.

ML: Não, fabricam cadeira de roda, eles fazem um monte de coisas...

LM:...para deficiente de um modo geral?

DO: É, para deficiente de maneira geral. Então foi muito interessante e o trabalho que ele fez foi muito bom também, porque ele botou os universitários a campo aí e a conclusão que eles chegaram é que os... Nenhum empregador dizia que não ia aceitar o

doente. Todos aceitariam. A maior parte aceitaria o paciente para trabalhar, desde que o médico desse o atestado. Acontece que o médico não dava atestado.

LM: Ah!

DO: Então eu dei... Eu dei atestado para paciente aqui. Ex-pacientes aqui para trabalhar na Santa Casa, para trabalhar numa porção de lugar, eu dei atestado, mas não era qualquer um que dava atestado. Então isso é que dificultava o negócio. Não era o empregador não aceitar; era o médico não estar seguro.

LM: Sim.

DO: Esse é que foi o grande problema. Esta foi uma coisa e a outra coisa coisa que eu queria deixar também frisada aqui também, já que eu estou fazendo um depoimento... dando um depoimento...

ML: É, eu acho que tem coisas que são informações que só você tem, que é bom... (risos)

DO: É. É o Dr. Franklin [Durksen].

DO: Ah! o Dr. Franklin. O Franklin foi uma outra figura espetacular, foi uma coisa interessante porque assim, nós estávamos com a reabilitação daquele jeito... Nós não tínhamos cirurgião...

ML: Essa época aí de início de 70.

DO: Não tínhamos cirurgião... Em 73 ele veio também... Ele veio um pouco depois do Thomas. Eu acho que o Thomas veio em 73, ele é 74, por aí, mas aí... ele veio da seguinte forma, veja só. Então nós tínhamos a reabilitação já mais ou menos funcionando, mas clínica. Tínhamos uma fisioterapeuta, (TI), tinha sapateiro, tínhamos tudo... Porque o Arvelo...

ML: Fez o curso aqui, o segundo curso...

DO: Fizemos o segundo curso aqui, depois eu fui para Venezuela. O Arvelo me levou lá para dar uma volta em todo serviço dele; quando eu voltei eu, no setor social eu coloquei o modelo dele lá da Venezuela no setor social, para as enfermeiras visitarem as casas, todo aquele negócio. Todo aquele projeto do hospital, para transformar o hospital em um setor social e o hospital propriamente dito...

ML: Foi de lá?

DO: Foi justamente com enxertos feitos dessas viagens, dessas coisas toda porque aí o setor social ficou como se fosse uma cidade. E aquela antiga diretoria que eu chamava de Casa Verde, virou centro de Saúde do setor social. Então comprou toalha diferente e tal... E os doentes saiam da cidade setor social para se internar no hospital aqui. Tudo no mesmo lugar. Então foi essa a grande experiência, mas nós tínhamos na reabilitação essa coisa já montada. Quando eu fui numa reunião em Hamburgo, você vê que gozado, em Hamburgo, hein, uma reunião, quando eu fui apresentar um trabalho de rifampicina,

porque nós temos uma experiência de rifampicina grande, o Bechelli estava lá, o Azulay, toda essa turma. E nessa reunião de Hamburgo eu conheci um cara do Paraguai, que era o coordenador do serviço do Paraguai que era o Alvarenga. E eu conversando com o Alvarenga tal, lá em Hamburgo, lá no final do coquetel, no jantar final e o Alvarenga... E eu falei da minha habilitação, que não sei o que, que eu estava querendo ver se conversava com não sei quem de cirurgia. E ele falou: "Olha, lá no Paraguai tem um médico americano..." Ele falou assim mesmo. (pigarro) ...que faz toda a cirurgia de reabilitação lá no quilômetro 81..." lá que eles chamavam. E eu falei: "Ah é, tem um cara lá fazendo esse negócio? Pois é muito melhor." Porque eu queria pegar o Franklin

Fita 3 - Lado B

DO: Franklin, o Franklin, eu não sabia que era o Franklin, era um americano lá, e aí eu cheguei aqui em São Paulo e conversei com o Jorge Macedo, falei: "Ó Jorge, tem um cara lá assim que eu fiquei sabendo, você não quer saber quem que é? Talvez fosse interessante se ele fosse visitar aqui." Entendeu? E era o Franklin. Aí o Jorge conseguiu pela *American Leprosy Mission* trazer o Franklin aqui. Aí o Franklin veio aqui com aquele jeitão dele, e ele estava naquele estado delirado dele, em uma semana ele fez 30 e tantas cirurgias.

LM: Nossa!

DO: Trabalhou o dia inteiro. Aquilo foi um espetáculo! Para mim eu achei uma coisa. Aí eu: "Pô, eu já sei o que nós vamos fazer." Depois ele foi embora, não é, foi embora. Eu falei: "Já está resolvido o problema, o sujeito pode vir aqui fazer 30 e poucas cirurgias, não precisa ter alguém que fique só... Fazendo a... Tanto é que eu convidei aquele cara de Manaus, o cirurgião aqui uma fez... Não sei se você lembra, um cirurgião que trabalhava lá com o Sinésio [Talhari] lá.

ML: Esse eu não sei não.

DO: E ele começou a fazer quando o Franklin se afastou um pouco daqui, fazer a mesma coisa, mas não deu certo. Época do Ademir, mas o Franklin então começou a vir e aí então gostou da coisa, não é, e nós ficamos amigos e tal e aí ele começou a vir, e começou a vir regularmente.

ML: E aí o Marcos veio num desses cursos? Foi aí que o Marcos...

DO: Um dos cursos que o Franklin fez, o Marcos veio fazer o curso também, (risos) E aí então... (risos)

ML: Que barato.

LM: Ah, que barato, não é?

DO: Tudo vai...(TI)

LM: Tudo se encaixa, não é, professor ?

DO: E olha o Franklin é uma pena, porque o Franklin... Você soube? Ele teve um filho que se suicidou...

ML: É, e ele ficou muito deprimido...

DO: Ih! coitado, o Franklin...

ML: Mas o senhor sabe que depois disso ele já... o nosso serviço de cirurgia lá no Rio mesmo foi ele que fez o curso, foi lá duas vezes...

DO: Não, ele tem vindo para cá. Olha, ele vem pra o Brasil todo ano. Ele veio esse ano já.

ML: Já veio esse ano?

DO: Já veio.

ML: Ele está bem?

DO: Está bem, está bem, mas é aquela história, não é? Foi... mas ele tem ido, ele tem um programa, ele tem ido em vários estados, porque... Foi... Aí que começou o negócio assim, como tinha acontecido aqui que nós estávamos conseguindo fazer cirurgias assim desse jeito. Quer dizer, o cirurgião vinha para fazer a cirurgia, aquilo foi uma temeridade no começo, porque eles não tinham nenhum preparo, os pacientes, mas depois a gente começou a amadurecer o negócio... E aí então se preparava as físios e aí o Franklin começou a vir aqui regularmente, aí os pacientes eram selecionados, as fisios e as terapeutas começavam a preparar os pacientes, educava a musculatura que ia ser transplantada e tal. Fazia a cirurgia, depois iam para o pós-operatório, aquela história. Aí começou a montar um esquema. Aí depois que montou esse esquema, aí o que aconteceu? Nós começamos a fazer em outros lugares. Quer dizer, então a Rose ia no Acre, e lá com o Rubinho ela começou a preparar, separava os pacientes, e também os médicos lá do Acre e aí depois ia o Franklin, começava... operava...

ML: É, eu vi fazer algumas cirurgias.

DO: E, operava lá e tal. E aí montou o serviço no Acre, depois montou o serviço em Belém de Pará, depois em Goiás foi assim, depois eles montaram em Recife...tudo desse jeito. Então os fisioterapeutas iam, preparavam os pacientes e os médicos lá, aí Franklin ia, e o Marcos [Virmond] depois começou a ir também fazer a cirurgia, depois o fisioterapeuta...

ML: É, agora eles estão com uma metodologia um pouco diferente. Agora eles vêem treinar aqui e depois tem uma pessoa que faz a supervisão. O próprio Franklin...

DO: É, então, agora eles estão fazendo. Agora ele já parou, mas antigamente não tinha...

ML: Porque também não tinha fisioterapeuta nesses locais.

DO: Quer dizer, primeiro precisava preparar o pessoal, não é? primeiro... Então, com isso eles prepararam o cirurgião em várias áreas, Porto Velho, que é o...

ML: É, o Cabral, que é uma pessoa que eu conheci...

DO: O Cabral em Porto Velho. Tanto é que fazem reunião todo ano aqui. Eles fazem, os cirurgiões que foram treinados aqui e muita gente trabalhou mesmo.

ML: Não, é eu acho que é um centro de reabilitação esse, não é? de referência é esse.

DO: Mas começou com a “sala do pé bom”. (risos)

LM: A “sala do pé bom”. (risos)

ML: Interessante. É. A “sala do pé bom”.

LM: Está bom professor, muito obrigada.

ML: Muito interessante, Opromolla.